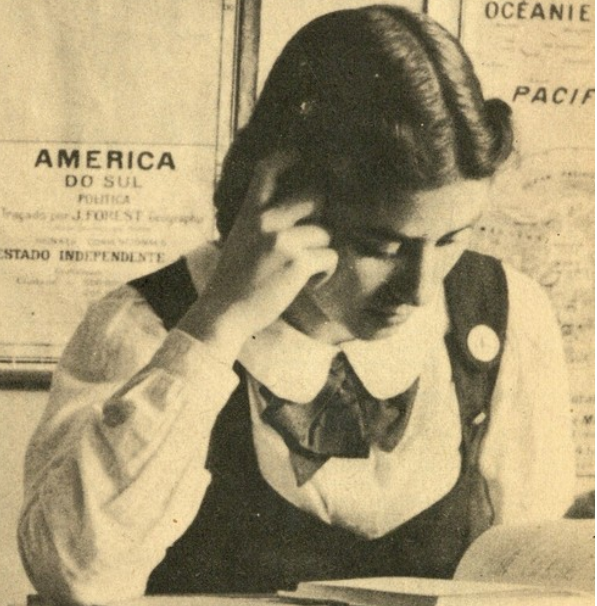


**VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ATUALIDADES
ANO II - N.º 59 - 2 DE JULHO DE 1942 - Preço: 1 Esc.



AMERICA DO SUL
POLÍTICA
Trabalho por J. FOREST Geograph
ESTADO INDEPENDENTE

QUADRA DE EXAMES... ATRIBULADA QUADRA! Livros e sebensas tornam-se, súbitamente, a obsessão máxima do estudante, desde a escola primária até à universidade... Na foto: alunas do Colégio do Sagrado Coração de Maria. (Foto Martinez Pozal)

FIGURAS DA VIDA NACIONAL



O ALMIRANTE GAGO COUTINHO, glória da Aeronáutica portuguesa, que, há 20 anos, com Sacadura Cabral, realizou a ligação aérea Lisboa-Rio de Janeiro.
(Caricatura de Sant'Ana)

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

Li, há dias, uma crônica de Beldemónio em que se advinha a sensação produzida por Ramalho Ortigão quando, certa tarde, entrou na tribuna dos jornalistas da Câmara dos Deputados. Surgira de busto muito direito, com o peito alto, as suíças inglesas emoldurando-lhe a cara saudável, a luneta de arcos de tartaruga presa com a fita de seda preta como então se usava, o pescoço curto e sanguíneo, a sua magnífica figura britânica de alguém sempre pronto a triunfar com a sua energia, com os seus olhos, com a sua inteligência — ou simplesmente com a sua bengala. A Câmara, envolta na luz difusa que se coava pela clara-bóia colorida, olhou-o, quasi deslumbrada. Ramalho sentou-se numa das carteiras, acomodou por cima dela, sobre a balastrada, os seus ante-braços sólidos, e debruçou a cabeça um pouco a percorrer com os olhos curiosos o redondo seio da representação nacional. A Câmara nunca mais deixou de o observar. Debalde ecoava a oratória do deputado António Maria de Carvalho, retorquindo a Fontes Pereira de Melo acerca de certo artigo do «Times». Naquela tarde só Ramalho interessava. E terminados os trabalhos, dizia-se, num espanto irreprimível, pelos corredores:

— Sessão cheia, hoje! Esteve lá o Ramalho... Que dirá ele no próximo número das «Farpas»?

Bons tempos em que um escritor e uma publicação literária se revestiam de tal prestígio!

UMA NOTA FALSA

É proverbial a disciplina observada nas orquestras alemãs. Um dia, durante um ensaio, certo clarinete deu uma nota verdadeiramente inexplicável. Logo o maestro interveio:

— Essa nota não pode estar lá...
— Perdão...—retorquiu o músico — a nota está cá...

Apurado o caso verificou-se que era, nem mais nem menos, do que uma mosca posada no papel e que o músico rigorosamente, segundo a boa disciplina, tinha tocado...

DE CAMA

ZECO, ilustrador desta página, esteve recentemente dois dias sem aparecer. Quando resuscitou, alguém permitiu-se perguntar-lhe:

— Onde é que você esteve meditado?

— Na cama,
— Com quem?
— Com a gripe.

PASSAGEM DE NÍVEL

BASTOS Guerra, humorista, escreveu agora uma revista destinada a ser representada no Estoril pelo grupo Estoril-Plage. Chama-se a revista: *Passagem de nível*. Estamos a ver Bastos Guerra, envolta na sua toga doutoral, com uma bandeirinha na mão, fazendo sinais não aos combóios, mas aos espectadores...

NOVA FÁBULA



Raposa —
(Pois para roer nem tinha um osso!)

Viu no fundo dum poço
A lua retratada.

A orbicular figura um queijo crê,
E pula de contente!

Água dois baldes alternadamente
Dêsse poço tiravam. No que vê

Suspense pelo peso do segundo,
Do poço desce ao fundo:

Mas — coitada! —
Viu que fóra lograda e bem lograda.

— «Em maus lençóis, dizia, eu vou achar-me!...
A menos que alguém venha salvar-me...»

Nisto um senhor Cordeiro se aproxima
E espreguiça para o poço. Ao vê-lo em cima

Dix-lhe a raposa muito amavelmente:
— «Desça, desça, compadre!... Vou presente

Fazer-lhe dêste queijo — convencida
De que outro assim não vê neste arrabalde! —

— «Ora a atrevida!
Imagina que eu vou talvez em tal desejo...

(Dix-lhe o senhor Cordeiro, de sorriso no lábio,
Indiferente a tal sinistro)

Primeiro, eu não gosto de queijo,
Depois, quem é que engana um sábio,

Que até já foi ministro?...

Contra factos, senhores, ninguém ousa
Opôr um argumento verdadeiro:
Enfim a ciência do Cordeiro
Venceu a esperteza da raposa!

RECURVO SEMEDO

COMPENSAÇÕES

UM actor muito conhecido cortou as relações com esta página. Foi-se um leitor. Em troca arranjámos um inimigo. Tudo tem as suas compensações...

UM HOMEM DE THEATRO

STÉLIO, distinto funcionário da Sociedade de Autores Teatrais, é também um festejado homem de teatro. Agora tem ele 30 e tantas peças prontas para subir à cena. Saudamos Stélio Gil... Vicente!

LIVRARIA BERTRAND

ESTA antiga livraria foi recentemente adquirida, a tróco de alguns milhares de contos, por uma firma de que é gerente um francês: o senhor Champion. Segundo parece vamos ter, em breve, o «championato» do livro...

DESCENDÊNCIAS

SEGUNDO lêmos nos jornais deu à luz o seu segundo neto o jornalista Acúrcio Pereira. Avô e neto encontram-se bem. Cumprimos o novo bisavô.

POETAS

ESTEVE há dias no Parque Mayer, assistindo ao Teatro de Fantoches que ali se exhibe, o senhor poeta Afonso Lopes Vieira.

EXAMES

NUM exame de anatomia o examinando em vez de artelhos dizia ortelhos. Ao ouvir esta palavra o examinador — o catedrático dr. Serrano — não se conteve que não exclamasse:

— Ortelhos? Em português já o senhor está reprovado. Vejamos agora em anatomia...

FIGADOS

SEGUNDO informações que temos por fidedignas o conhecido poeta João Maria Ferreira não vai este ano ao Gerez fazer a sua habitual cura de águas. Já não precisa. Comprou um figado novo num leilão de miudezas...

NO GIMNÁSIO

NO Ginásio estava em cena uma comédia que não agradava. Uma noite (por mais extraordinário que isto pareça) não surgiu ninguém a comprar um bilhete. O espectáculo não principiava por esta razão. Nisto aparece um sujeito na bilheteira, compra um fauteuil e apressadamente pergunta:

— O espectáculo já começou?
Imediatamente o bilheteiro que era o conhecido Pinto do Ginásio:
— Ainda não. Estávamos à espera de V. Ex.ª...

Luís S'oliveira

O Relógio da Torre

Novela de Edgard Marques

PELA aparência não era fácil atribuir-se-lhe idade definida. Magra, pesada no andar, tinha um olhar duro e gestos muito bruscos. Era assim a senhora Joana.

Não se lembrava da família. Apenas uma irmã viveu com ela durante a sua mocidade, depois de os pais terem morrido, havia muitos anos. Mas a irmã também morreu e com ela fôra-se-lhe o único parente, os únicos afaços, a única ternura que perpassou na sua vida. Namoros só os conheceu por ouvir contar às mães. A senhora Joana chamava a isso enredos, tinha de trabalhar e não lhe sobrava o tempo para semelhantes baboseiras. O factor é que o seu carácter arreado não dava ensejo a que a notassem, e, sem ser completamente feia, ninguém pretendia insinuar-se-lhe, nem mesmo nos seus tempos de rapariga. E o tempo foi passando e ela foi vivendo sempre só.

Morava para os lados da Estrêla, numa casa velha, onde os anos passavam como os dias, como as horas, marcadas pelo bater de um sino que, a badalar a distância, trazia àquela casa o som por onde regulava a vida quotidiana.

— Tão... Tão... Tão...
O sino, de manhã, batia sete vezes e logo ela, a reconhecer-lhe a voz, resmungava, ao erguer-se da cama:

— São horas. Pronto, cá estou...
Ia para o «atelier», onde trabalhava como auxiliar de modista. As pancadas, mais fracas, dos quartos de hora regulavam-lhe os passos na lida apressada da sua vida caseira. De volta, à noitinha, de novo o sino lhe marcava a hora do jantar, que ela improvisava depois de pôr a mesa a um canto da cozinha. O sino ia badalando. O sino era o seu único companheiro e ela respondia-lhe, no hábito de o ouvir todos os dias. As vezes, quando estava atrasada, insurgia-se:

— Estás com pressa, hein? Pois espera se quiseres. Nem que fosses livrar o pai da força...

Falava mais com o sino do que com as companheiras de trabalho. No «atelier» não gostava de conversar. Fazia o que lhe mandavam e não se metia em enredos. Por isso ela lá ia ficando na mesma casa, onde começara como aprendiz. As outras renovavam-se, entravam, saíam, umas subiam depressa, outras casavam, ou, por darem em droga, deixavam o officio. Mas a senhora Joana ficava. Ficava, apesar de não ter grandes rasgos de habilidade. O que fazia era perfeito e bem lhe importava a ela que murmurassem que nunca passaria da cepa torta. Tanto como de certas galhofas, tricas de namorados que arrastavam as outras pelos cantos em risos e segredinhos.

Mas o tempo ia passando e a vida estava má. Não era ainda velha. Contudo custava-lhe a arranjar pelo trabalho o dinheiro para a renda da casa. Todos os meses era um martírio. Quando se aproximava a data do pagamento ao senhorio

até a voz do sino lhe parecia mais triste. E a senhora Joana dizia-lhe, comovida:

— É isto, meu velho. Não sei como há-de ser...

Foi então que uma vizinha alvi-
trou:

— E porque não aluga um quarto? Credo, para que quere a senhora a casa toda!?

A ideia era boa. O pior é que a senhora Joana não queria gente estranha de portas a dentro. Gente

Estava-se em pleno verão. A senhora Joana, que ultimamente só trabalhava no «atelier» durante o inverno, lutava com maiores dificuldades. E titubeou:

— Pois é... Convir convinha... A modista, a patroa, dispensa a maior parte do pessoal nestes meses. Daqui a pouco nem sei... Trabalharei para aí como puder. Lá no «atelier» só se fôr por pouco tempo e no fim das estações. Aquilo foi chão que deu uvas...

to não casassem, viam-se ali como pudessem. Seria a única forma de mitigarem saudades.

A senhora Joana aquiescia com a cabeça, dizia que a sua casa era pobre, não podia ter luxos, mas garantia asseio.

E abria de par em par a janela, por onde entrava o ar morno da tarde, que ia morrendo ao longe envolvida em fogo por cima da casa-ria.

* * *

— Tão! Tão! Tão!

O sino continuava a bater e para a senhora Joana principiou vida nova. Quando soavam as cinco badaladas era ela que esperava ansiosa a vinda dos seus novos inquilinos. Aquelas pancadas exprimiam-lhe agora outros aspectos da vida. Já não lhe regulavam só as horas das refeições, nem as de deitar, marcando-lhe compassadamente as horas do seu isolamento. Quantas vezes, ouvindo bater a pancada mais aguda e penetrante da meia hora, ela dizia com ar mais remozado e mais alegre:

— Estão quasi a chegar...

Depois, quando ecoava no espaço o som da última badalada das cinco, extinguindo-se até ficarem só os rumores confusos da rua, sem que na escada se sentisse o passo apressado de um ou de outro, esses passos que ela tão bem já conhecia, ora leves como aragem a fazer oscilar a seda de um vestido, seguidos do bater seco de um salto no chão de cada patamar, ora mais abafados, mas duros, na cadência de quem sobe os degraus a dois e dois, a senhora Joana franzia descontente as sobrancelhas e resmungava:

— Hoje demoram-se...

Pensava então no que teria acontecido. Aqueles dois entes, para ela desconhecidos, faziam, na ligação dos seus amores, parte integrante da sua vida. Espreitava-os sem curiosidade. Quem eram? Não sabia. Sabia apenas que eram duas vidas que enchiam agora a sua casa, a abrirem-lhe outros horizontes na sua própria vida.

Se era ele que chegava primeiro, a senhora Joana ouvia-o assobiar, cantar às vezes em voz baixa uma canção, que interrompia para começar outra, interromptida também pelo riscar de um fósforo. Se era ela, pairava no ambiente maior silêncio. Era como se uma respiração mais branda enchesse a médio o quarto. Soava de vez em quando o estalido da mola do fecho de uma mala, outro mais forte de uma caixa, e perpassava pelas frinchas da porta um aroma de flores diversas e um cheiro mais atenuado de pó de arroz.

A senhora Joana distinguia as vozes, sem pretender devassar o que elles diziam. Eram murmúrios, palavras entrecortadas, risos que estalavam abafados, às vezes o tom mais sacudido de uma discussão.

E o relógio continuava a bater, a bater, marcando para a senhora Joana outras horas de projecção diferente, embora ela não soubesse bem definir onde estava agora essa diferença da sua vida. Depois o sol

(Continua na pág. 19)



que se metesse de manhã até à noite na sua vida, a dar fé do que se passava na sua casa. E depois as mulheres, se lhes desse serventia de cozinha, eram piores do que os homens, nunca mais teria um momento de sossego.

Mas a vizinha pôs-se a piscar os olhos e a explicar a sua ideia:

— Não era nada disso. Bastava alugar o quarto para pouca permanência. Não seria grande o trabalho nem o desgaste das roupas.

A senhora Joana recuou indignada. Deus a livrasse de tal! Era o que lhe faltava, para o fim da sua vida ver a sua rica casa, onde vivera com a sua irmã, feita albergue de pessoas devassas ou de mulheres de má nota.

Um dia o destino decidiu. A mesma vizinha lhe falou de alguém nas condições. Nada de amores escondidos, gente séria. A falar a verdade, era negócio que até a ela própria convinha, e se não fosse a teimosia do marido...

Ficou então de se avistar com o interessado.

No dia seguinte elle veio, pela tarde. Era novo, a senhora Joana achou-o simpático e notou que vestia muito bem, que tinha boa presença. O rapaz falou em ar confidencial. Explicou que se não tratava de amores ilícitos. Pelo contrário, era tudo o que havia de mais sério, e se tinha o maior interesse em que se entendessem era por saber que ia encontrar a maior seriedade na casa.

— Lá nisso... Lá nisso... — respondia a senhora Joana, desvanecida — Pode encontrar igual, mas mais não, isso é que não.

O rapaz, continuando no mesmo tom de confidência, disse-lhe quem era e que a senhora que ali iria receber era viúva. Elle também era livre, casariam por esses meses mais chegados, mas que a senhora tinha filhos pequenos e não estava, pela sua situação, em condições de tentar prolongado noivado. Enquan-



O isto a vida em Xung King capital da China livre

QUANDO CHANG-KAI-CHEK fêz recuar para o interior da China a capital do país, tentando, perante o avanço do invasor nipónico, construir a sua resistência nas montanhas, Xung-King, pequena cidade de poucos milhares de habitantes, viu-se, de repente, transformada na sede política e administrativa da nova China — a China livre. A sua vida modificou-se então extraordinariamente, mas nas ruas e nas pessoas conservou-se sempre o pitoresco e a tradição. Esta página mostra-nos quatro aspectos da vida de Xung-King: um casamento celebrado por um padre católico; uma cabeleireira de senhoras trabalhando ao ar livre, em plena rua; um engraxador trabalhando ao lado dum monte de destroços provocado por um ataque aéreo (o freguês senta-se em cadeira confortável...); e um florista trabalhando na sua pequena loja (as mulheres chinesas raramente se empregam no comércio).





EM CIMA: Artilharia anti-aérea alemã em acção na frente de Kharkov. — Impressionante aspecto dum bombardeamento aéreo sobre as posições russas de Kertch. A ESQUERDA: Uma vista parcial da cidade de Kharkov, grande centro industrial e objectivo dos ataques de Timochenko. EM BAIXO: Um pormenor das primeiras linhas de combate na frente de Kharkov. Os russos continuam a atacar com carros de assalto, que são batidos pelo constante bombardeamento das peças de artilharia e das peças anti-«tanks» dos exércitos do Reich.

A ofensiva ALEMÃ no Sul da Rússia



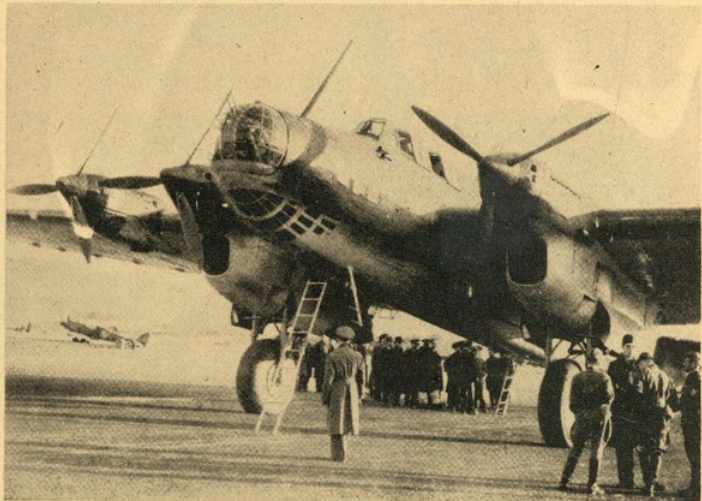


PUBLICAMOS NESTA PÁGINA alguns aspectos da recente visita de Molotov a Londres e da assinatura do tratado entre a Rússia e a Inglaterra. Em cima, o Ministro dos Estrangeiros russo conversando, à chegada, com Anthony Eden.

Assinatura do tratado de aliança entre a Rússia e a Inglaterra



O Ministro dos Estrangeiros da Rússia, Molotov, ao chegar a um aeródromo da costa nordeste da Inglaterra, depois de ter feito, sem qualquer acidente, a sua viagem de Moscovo à Grã-Bretanha a bordo dum avião



O avião de bombardeamento russo que conduziu Molotov a Londres depois de aterrar num aeródromo da Escócia. Este aparelho foi o primeiro avião russo que, desde o começo da guerra, desceu em Inglaterra.



A assinatura do acordo. — O ministro inglês dos Negócios Estrangeiros, Eden, assinando o tratado de aliança com a Rússia durante vinte anos. Sentados (da esquerda para a direita): Maisky, embaixador russo em Londres, Molotov, Eden e Churchill

OS exercícios contra ataques aéreos em Lisboa

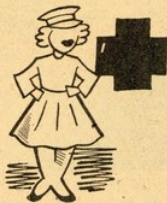
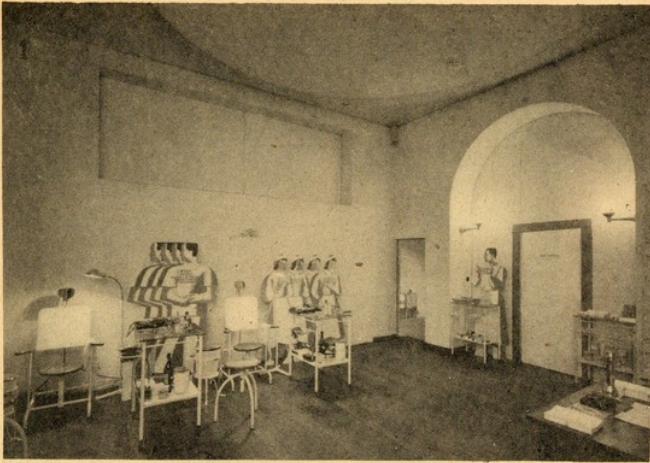


LISBOA soube cumprir o seu dever durante os recentes exercícios de defesa contra ataques aéreos aqui efectuados. Fê-lo com disciplina às instruções recebidas, com consciência e compreensão do alto espírito que havia norteador a realização dos exercícios com verdadeiro espírito de colaboração com as forças da guarnição militar e da L. P. que tão brilhantemente se desempenharam da missão de que tinham sido incumbidas. Por isso a população mereceu os louvores oficiais. «Vida Mundial Ilustrada» publica nestas páginas uma reportagem tanto quanto possível completa dos exercícios, onde há aspectos ainda inéditos para o público.

NESTA PÁGINA: De cima para baixo — O sr. Presidente do Conselho, os srs. ministros das Finanças e da Economia e outras entidades assistindo aos exercícios e observando a manobra dum peça anti-aérea no Castelo de S. Jorge; o ambiente febril dum posto de comando no Parque Eduardo VII, com os seus telefonistas e outros funcionários. Os projectores eléctricos instalados no Parque Eduardo VII procurando localisar os aviões que voavam sobre a cidade

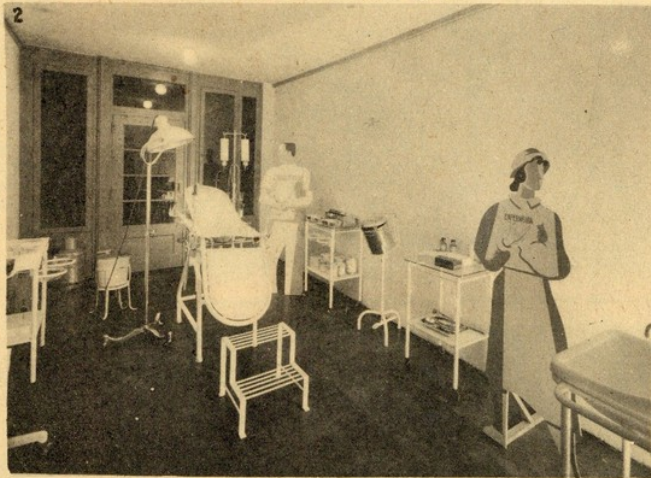


Opôsto-modelo de socorros do INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

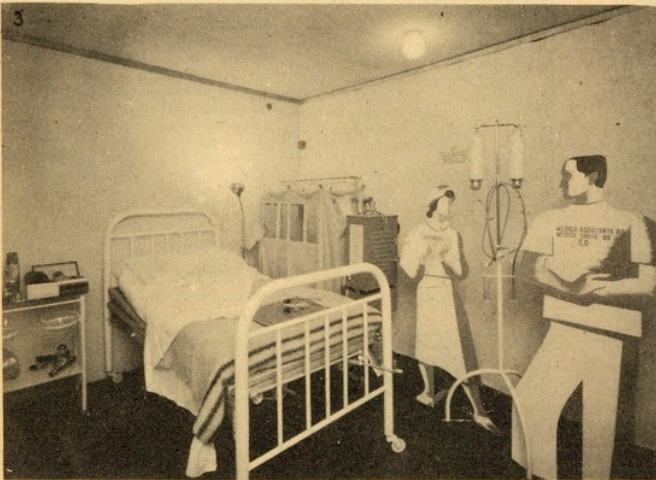


Com o fim de iniciar a população no conhecimento do que seja a organização de um pòsto de socorros a sinistrados por incursões aéreas, tomou o Instituto Pasteur de Lisboa a iniciativa de montar, na sua sede, um Pòsto-Modelo, igual aos existentes nas principais cidades dos países em guerra.

As entidades oficiais que o visitaram durante o estado de alerta, constataram a eficiente organização do pòsto, que se encontrou de prevenção durante todos os exercícos.



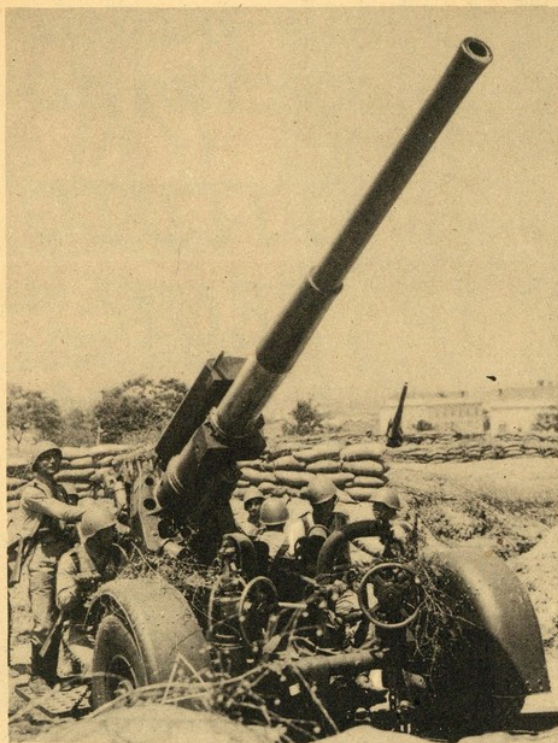
1 - Sala de recepção e pequenos tratamentos aos sinistrados. — 2 - Sala de pequena cirurgia.



3 - Um dos 10 quartos da Sala de Observações. — 4 - Sala de esterilizações.



(Fotos de Horácio Novais)



As peças anti-aéreas postadas no Parque Eduardo VII



Na serra de Monsanto, uma metralhadora anti-aérea procura alvejar um avião.



Efeitos produzidos pelos feixes de luz de dois projectores colocados junto ao forte de Monsanto.



A entrada para o posto de socorro do Instituto Pasteur protegida por sacos de areia.



Uma patrulha da «Legião Portuguesa» percorrendo a cidade.
(Reportagem fotográfica de Armando Seródio)

panorama internacional

EXPECTAÇÕES E ALARMES

por Francisco Velloso

A capitulação de Tobruck, a ameaça alemã sobre o Médio Oriente, caíram em cima da mesa a que Churchill e Roosevelt discutiam os problemas mais decisivos da situação internacional criada pela guerra. E na verdade, é mais para esse debate histórico do que para a fronteira e território do Egipto que devem dirigir-se os nossos olhos. Sem bandarrearmos sobre o futuro, que há-de ser o que a Providência, condutora da humanidade, decidir que seja para a justa reivindicação dos protraídos direitos da pessoa humana, segundo a admirável frase de Pio XI, basta-nos descreminar objectivamente os factos para assim o concluirmos.

A CAPITULAÇÃO DE TOBRUCK



ROMMEL

A notícia desce verticalmente, como uma bomba, na tarde de 21 de junho, de que Tobruck se rendera às forças de Rommel encheu de estrondos tamanhos a última oitava, que eles ainda não cessaram. Confiara-se em que se repetiria o gesto heróico do passado assédio e que no quadro geral da guerra na Líbia, esta batalha se desenrolaria dentro do antigo plano de Wavell, firmado em Tobruck um dos principais gonzos da reacção britânica. Esse gonzo já não funciona.

No dia 18, ainda no comunicado do Cairo se escrevia: «As nossas forças foram retiradas das posições de El-Adem e de Sidi-Rezegh. As tropas móveis britânicas continuam a atacar o inimigo ao sul e oeste de Tobruck» e de Londres insistia-se em que os aliados continuavam a manter a superioridade aérea. Diante da retirada forçosa de Ritchie, o Times, nesse mesmo dia, punha a questão essencial:

«Desde o início da campanha nesse teatro de guerra, fomos batidos em consequência da inferioridade dos engenhos de que dispúnhamos. Agora provavelmente o nosso fabrico já melhorou e as máquinas produzidas aproximam-se das do inimigo, mas essa paridade ainda não é suficiente, o que faz com que sejamos constantemente forçados a recuar. Se o êxito não tem coroado os esforços dos nossos soldados, não é por falta de coragem e de iniciativa deles e dos oficiais que os comandam, que tornaram glorioso o nome do 8.º Exército. Eles esperam que o talento e a pericia dos dirigentes das fábricas de Londres e americanas lhes entreguem os meios de alcançarem a vitória.»

Este comentário devia preparar a opinião para receber piores notícias, a despeito de no dia 19 dizerem do Cairo que a guarnição de Tobruck estava preparada para afrontar um novo cerco, que a vida na fortaleza decorria com normalidade, apenas perturbada pelo canhoneio nas obras exteriores, e que o 8.º exército inglês, rapidamente reorganizado esperava a ofensiva do inimigo. No dia seguinte, Rommel, cortadas pela artilharia as comunicações entre Tobruck e Bardia ao longo da costa, efectuava o assalto. No dia 21 às 7 da manhã um parlamentar inglês oferecia a rendição. Os alemães ocupavam não só Bardia, mas El-Gobi, a 70 quilómetros a sul de Tobruck. A 25, além de valiosíssimos despojos de material, os alemães faziam 34.000 prisioneiros. O desastre tomava proporções enormes. O crítico militar da Reuter concluía: «A situação militar na Líbia é muito grave». No dia 25, telegramas de Londres e Berlim anunciavam extra-oficialmente que a batalha começara nas zonas da fronteira do Egipto, entre Sollum e Forte Capuzo, sobre os primeiros contactos, entre as forças inglesas de Auchileck e Ritchie e as de Rommel, estas avançando ao longo da costa visando para sudeste de Sidi-Barrani e para Marsa Matruh e, noutro grupo mais forte, atacando mais ao sul entre Sidi-Omar e Forte Madalena.

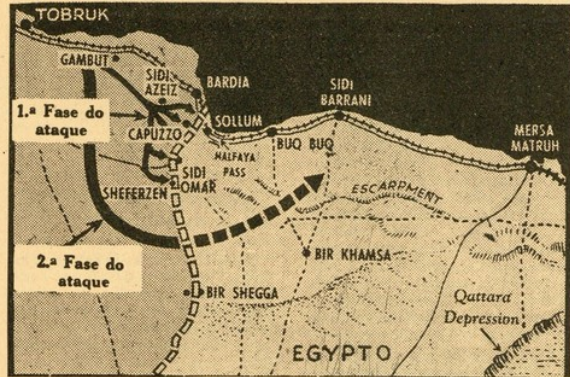
ALARMES E SUAS CAUSAS



ATLEE

A notícia da evolução da batalha e da queda de Tobruck produziu enorme celeuma. No dia 24, da África do Sul clamando por Wavell, dos Estados Unidos denunciando a falta de envio de «tanks» e a inferioridade qualitativa da artilharia, da Austrália manifestando desapontamento, da Índia informando que a Quinta Coluna germânica explorava a fundo e como arma de propaganda o desastre nas emissoras industriais — adivinhavam alarmes sobre alarmes, por vezes vibrantes de críticas. Nesse vozear sômente se destacava enérgica a voz de Smuts a afirmar que novos contingentes sul-africanos iriam suprir em terras do Egipto e da Líbia aqueles que a guerra e a capitulação de Tobruck devoraram.

Em Londres a ressaca era, porém, muito maior. No dia 23, Atlee, vice-primeiro ministro subia aos Comuns, comunicado no texto de um relatório do comando em chefe no Médio Oriente a realidade dos factos até ao dia 20, e completando-o com duas ordens de informações uma sobre a queda da fortaleza, a outra sobre os recontos navais no Mediterrâneo. As primeiras pouco adiantaram, as segundas projectaram luz sobre a incerta confusão das primeiras notícias, que já na



Mapa das operações no Egipto

última crónica resumimos. O comboio que se dirigia a Malta, vindo de Gibraltar, e o que se encaminhava a Tobruck e que lá abordou nas vésperas derradeiras da capitulação chegaram ao seu destino — factos que honram os títulos do vice-almirante Curtiss e do comandante Vian.

«O alívio levado a Malta pelos comboios — disse Atlee — não se consegue sem perdas consideráveis. O balanço sumário das perdas navais e aeronáuticas é como segue: Marinha de Guerra britânica — 1 cruzador ligeiro afundado, 4 contratorpedeiros afundados, 2 navios de escolta afundados; perdas do inimigo conhecidas até à data — 1 couraçado torpedeado, 1 cruzador com artilharia de 20 centímetros de calibre, afundado, 2 contratorpedeiros afundados, 1 submarino afundado. Também se sabe que inimigo perdeu 65 aviões contra 30 da R. A. F. e da aviação naval britânica». Fica pois assim feita a devida rectificação.

A questão das causas do desastre ultrapassava, porém, estes factos. E convém registá-las nas revelações que vieram logo à superfície, na imprensa britânica.

Objectivamente mencionam-se as seguintes: — Rommel dispôs de uma superioridade de forças no momento decisivo. Essa superioridade advinha de que o número de «tanks» «General Grant» foi escasso, e em certo momento, sobretudo depois das perdas de carros na cilada do dia 13, a disponibilidade de Ritchie foi inferior às necessidades da batalha. As peças anti-«tanks» alemãs são reputadas melhores que as inglesas. O general inglês não possuía bombardeiros de voo a pique. Rommel teve a possibilidade de receber reforços directos de Bengazi durante a batalha, ao passo que o problema do abastecimento para os ingleses era muito diferente. *Scrutator*, o conhecido crítico do *Sunday Times* escrevia no dia 21: «Se enviarmos «tanks» da Grã-Bretanha para Alexandria pela rota do Cabo da Boa Esperança, a viagem é de aproximadamente 23 mil quilómetros. Da América, a viagem é ainda mais longa. A rota directa, pelo Mediter-

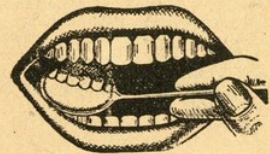
râneo, só pode ser tentada com comboios de organização muito especial. Pode dizer-se que quasi cessou praticamente a sua utilização para o envio de abastecimentos e munições para Alexandria (como se fez para reforçar Wavell em 1940).»

O mesmo comentador fez, no entanto, plena justiça a Ritchie e ao denodo das suas admiráveis tropas: «Há 15 dias, havia alguma tendência»

(Continua na pág. 18)

Gengivas são

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «micróbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, com uma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metodicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara o alívio e o alívio nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.** NAS FARMACIAS E DROGARIAS

Por que caiu Tobruk

Uma crônica de Carlos Ferrão

NO domingo, 21 de Junho, um comunicado especial do Grande Quartel General Alemão transmitiu para todo o mundo uma notícia sensacional:

«As tropas germano-italianas, sob o comando do general Rommel, tomaram ontem a maior parte da zona fortificada de Tobruk. Esta manhã um oficial inglês, que conduzia uma bandeira branca, apresentou-se nas nossas linhas para negociar a rendição da cidade. Foram feitos 25.000 prisioneiros, entre os quais diversos generais. O material de guerra apreendido não pôde ainda ser contado».

A impressão produzida por esta notícia foi enorme. Nos países anglo-saxónicos as manifestações de descontentamento seguiram-se aos primeiros sintomas de incredulidade. Nos países do «eixo» registou-se um movimento compreensivo de satisfação. Nos países neutrais houve uma pausa na atenção vigilante com que a condução da guerra é ansiosamente seguida. Uma pergunta única se elevou de toda a parte: como fóra possível a rendição de uma guarnição numerosa e bem apetrechada em tão curto prazo de tempo?

Do lado americano a desilusão aparecia traduzida num telegrama da «Associated Press» enviado de Washington: «A situação do Egipto é aqui encarada com certo pessimismo. Por causa da distância, do tempo, da escassez de tonelagem disponível, não poderão ser enviados para o Próximo Oriente quaisquer reforços americanos em condições de alterar a situação actual».

Na Câmara dos Comuns, depois da declaração sóbria do major Atlee, Lord Winterton ergueu-se para verberar a incuria e a falta de espírito de decisão que, certamente, estavam na origem da derrota. No dia seguinte vinte deputados apresentaram uma moção de desconfiança ao Governo. A falta de informações ao parlamento era a nota predominante do ataque conduzido em Londres; em Washington eram unânimes os protestos contra os rigores da cen-

sura do Quartel General do Cairo que não permitiam avaliar, com exactidão, os perigos que a causa comum das nações unidas estava correndo. O «Manchester Guardian» resumia o pessimismo predominante numa frase do seu editorial: «A nossa posição actual é tão crítica como nos dias que se seguiram à retirada de Dunquerque».

PESSIMISMO EM LONDRES E WASHINGTON

Nos dias que se seguiram à retirada de Dunquerque, a Inglaterra estava isolada e o objectivo dos alemães era Londres. As condições gerais em que a guerra decorre modificaram-se radicalmente. E é agora o vale do Nilo que os alemães procuram alcançar no caminho do Próximo Oriente. Mas ninguém, apesar dessa diferença essencial, deixou de sentir os perigos que a queda de Tobruk representava. Como sintoma era de uma gravidade evidente. Como realidade imediata de nada servia dizer que a manutenção da cidade exigiria esforços que não eram compensados suficientemente pelo seu valor militar.

Além de todas as considerações Tobruk era um símbolo. Símbolo da tenacidade britânica na resistência às investidas dum adversário, símbolo dum espírito ofensivo latente e prestes a dominar o quadro geral da luta. A cidade fóra ocupada pela primeira vez, em 22 de janeiro de 1941, quando da ofensiva vitoriosa do general Wavell na Líbia. Dois meses depois, em Março, as águas alemãs voavam sobre o Mediterrâneo e o corpo especializado do general Rommel atacava em El Aghela. O seu avanço fulminante em direcção à fronteira do Egipto encontrou um obstáculo irremovível: Tobruk. Dentro dos seus muros (técnicamente tratam-se de duas linhas fortificadas uma interior, outra exterior) uma guarnição decidida de australianos, sob o comando do general Morshead, opôs-se resolutamente ao ataque geral tentado pelas divisões blindadas de Rommel durante os primeiros dias de junho. Depois o calor e o cansaço dominaram a vontade do



O marechal Rommel (de costas) inspecionando as operações da frente, próximo de Forte Cappuzo.

homem. O cerco começado em abril prolongou-se até novembro. A guarnição era reabastecida por mar e auxiliada pelos canhões da esquadra de Cunningham. Mas o seu espírito ofensivo revelava-se diariamente em surtidas perigosas que se traduziam sempre por baixas, em mortos, feridos e prisioneiros, registadas no campo do inimigo.

Em novembro Auchinleck desencadeou a sua ofensiva que havia de conduzir as tropas imperiais novamente à fronteira da Tripoliânia, para novamente o refluxo da maré as trazer às portas de Tobruk. Ia a cidade oferecer, mais uma vez, o espectáculo da sua resistência indomável? As condições em que a sua rendição se efectuou precisam ser explicadas.

SUPERIORIDADE DE MATERIAL

Falando, pela rádio, de Tobruk, no dia seguinte ao da ocupação, o general Rommel, disse simplesmente aos seus compatriotas: «Atrás de nós ficaram quatro semanas de combates incessantes. Conseguimos um êxito notável. Os nossos soldados realizaram uma tarefa sobrehumana. Levantaram os campos de minas. Bateram-se no meio de terríveis privações. O exército blindado que aqui se encontra sauda a Alemanha».

Foi, antes de mais nada, este exército blindado que deu ao general Rommel a vitória de Tobruk. Pode dizer-se que a sorte da cidade se decidiu no dia 13 quando, em consequência duma emboscada, as tropas imperiais britânicas perderam a maior parte dos seus carros de combate. A resistência poderia prolongar-se, com êxito maior ou menor, durante algum tempo. Mas o investimento pelas forças blindadas germano-italianas acabaria por ditar a última palavra na contenda.

Os carros usados pelos alemães eram dos tipos «Mark III» e «Mark IV». Os ingleses empregaram na batalha carros dos modelos «Matildas», «Crusaders», «Valentines» e «Ilmies». O número de «Grants», da produção americana que fizeram a sua aparição no deserto era insuficiente para modificar o curso da batalha. Os carros alemães estavam equipados com peças de

47,77 e até 87 mm. Entre os carros empregados pelas forças imperiais apenas os «Grants» apareceram com artilharia adequada, peças de 75 mm.

A tática usada pelos dois adversários na utilização e distribuição da arma blindada e no emprego da sua artilharia foi também diversa. Depois do desastre de 13 de junho, os «tanks» britânicos que escaparam à emboscada, não puderam nunca mais juntar-se ao grosso das forças em retirada. Conseguiram ainda organizar-se em duas colunas que a perseguição do inimigo dispersou. Isolados, encerrados em locais separados por distâncias apreciáveis (El Adem, Acroma) tiveram que se render. Os que ficaram em condições de alcançar o perímetro defensivo de Tobruk exigiam quasi todos reparações demoradas antes de voltarem a servir. E a resistência em junho de 1941 baseara-se principalmente na acção dos «tanks» de que a guarnição da cidade dispunha.

OS COMANDOS E OS EFFECTIVOS

Seria errado supôr que apenas a superioridade absoluta do material blindado e da artilharia empregados pelas forças do «eixo», decidira a sorte de Tobruk. Outros factores, todos êles de grande importância na condução da guerra, contribuíram para isso.

Depois do material, o comando. Em Londres não poupam as recriminações à direcção militar tal como ela se vem exercendo no Próximo Oriente. A posição do ministro da defesa nacional, está em causa. Mas é principalmente em relação aos comandos que se exercem naquelas paragens que as críticas sobem de tom. É natural que, cedo ou tarde, as substituições exigidas pelas circunstâncias venham a realizar-se. Um telegrama de origem alemã fala na possibilidade de fazer regressar ao norte de África e ao Próximo Oriente o General Wavell. Este dirigiu as tropas russas, quando, da passagem do aniversário da entrada das tropas alemãs em território soviético, uma mensagem em que exaltava o valor e a importância da resistência russa

(Continua na pág. 18)



Uma patrulha britânica na costa do Mediterrâneo junto de Tobruk.

cia para criticar o general Ritchie, considerando-o cauteloso demais por não tentar arrancar a iniciativa das mãos do seu antagonista. Mas é claro que ele sabia muito melhor que os seus críticos para que lado pedia o prato da balança. Só lhe faz honra nunca ter perdido o controle das suas visões no meio dos episódios duma batalha excepcionalmente rápida, em que a situação estava constantemente a mudar, e ter conseguido libertá-las duma armadilha após outra, concentrando de novo o seu exército em novas e fortes posições.»

Ligando-se estas apreciações ao trecho atrás transcrito do *Times*, encontrar-se-á um elenco das causas do desastre e, o que mais importa, às de uma crise grave na organização britânica e americana e sobretudo na condução da guerra.

A CRISE



NAHAS-PASHA
Examinando mais mais ao perto essa crise, deparamos nela movimentos diversos. No primeiro impeto, as mesmas vozes proferem — em Birmingham, no grande comício de 50 mil operários e combatentes, pela voz de Beaverbrook, e nas páginas húmidas dos jornais norte-americanos, a mesma reclamação por duas formas: — «A segunda frente imediata» ou «A segunda frente, agora ou nunca». O comício foi a 22. Os jornais datam de 24 e 25. Estes saúdicimentos traduzem menos a intimidade nervosa da conjuntura, do que uma orientação fixa e única da unanimidade da opinião. De facto, logo a 22, o tom da imprensa inglesa entra noutra clave, diferente da dos alarmes congestivos. O *Times*: «uma batalha perdida não é a perda duma campanha, os levantamentos e as quedas na Líbia mostraram esta verdade». E o seu crítico militar: «Será talvez prematuro descrever a situação como grave». E o *Daily Telegraph*: «Não seria honesto tratar das responsabilidades antes de se conhecerem os factos, tais como se passaram». Do *Daily Herald*: «A reacção do público diante do desastre da Líbia, será, não a da depressão, mas a da vontade». E o *Daily Express*: «A nossa obrigação é estar prontos e confiantes, em face da retirada temporária». Atlee disse: «A batalha continua». Confessam-se e expõem-se os erros, mas não se perdeu o ânimo. Há uma conclusão que atravessa quasi unisono os meios de opinião: — é preciso melhorar o equipamento. No dia 24, os *leaders* do Congresso, ao saírem duma conferência colectiva com Churchill em Washington, manifestam confiança. Nahas Pachá, chefe do governo do Egipto afirmava no parlamento do Cairo, na esteira do general comandante das tropas inglesas e aliadas no Egipto, que a situação geral, segundo havia recolhido das Conferências com o embaixador Lämpson, era mais satisfatória. O ministro da Nova Zelândia em Washington repetia-o. E mais não é preciso citar. Pareceram que Churchill teria passado um mau bocado nos Comuns, se estivesse em Londres. Um grupo de deputados apresentou uma moção parlamentar de desconfiança, e logo outro lhe respondeu com a confiança no ministério, mas os termos de uma e outra acusam a perturbação suficiente para nela se indiciarem os efeitos repercutivos do caso de Tobruk na vida política da Inglaterra, terreno movido e perigoso onde, já durante a outra guerra, numo hora grave, Asquith foi substituído

Panorama Internacional

por Francisco Veloso

(Continuação da pág. 11)

por Lloyd George. E deve reconhecer-se que esta mobilidade é, pela facilidade das condições de adaptação que contém, uma das vigorosas forças potenciais das admiráveis instituições da Inglaterra e dos Estados Unidos, sobre o vigoamento indestrutível duma opinião pública cheia de elevada consciência cívica e de orgulhosa devoção nacional, que sabe reendireitar-se diante do perigo, sem abatimentos de ânimo, quando a fustigação das rajadas é mais rija, como um marinheiro na ponte.

É indiscutível que se passa algo de deficiente na condução suprema da guerra, por parte das Nações Unidas, e, a nosso ver, isso é principalmente originado numa falta de decisão que deixou passar várias vezes oportunidades preciosas. Ainda há pouco o *Times* declarava, a propósito do próprio tratado anglo-russo, que sobre a Rússia tinha ainda de impender o «fardo» de agüentar o impeto alemão por semanas ou mais um ou dois meses, pois os Aliados não podiam imediatamente desonerá-la (e quantas vezes o não tem feito!) deste novo sacrificio. Não há, porém, razão para tal em carência de meios, porquanto, como Roosevelt observou durante a conferência de Washington, segundo informações británicas, a Inglaterra está cheia deles e capaz de os lançar com vantagem. Leslie Burgin, ex-ministro dos abastecimentos, revelou a 21, em Bristol, que os «tanks» destinados a reforçar o 8.º exército na Líbia, haviam partido para a Rússia, mas não está provado, nem que a frente leste não seja primacial para as Nações Unidas (sem ela já Hitler teria engolido a Europa) nem que na Grã-Bretanha não haja «tanks» para acudir a Ritchie. A nomeação do general norte-americano Eisenhower para «comandante das forças americanas no estabelecimento de um novo teatro de guerra na Europa» — como ele próprio declarou ao chegar a Londres para assumir o seu cargo, quando na Irlanda do Norte desembarcavam mais e importantes efectivos canadianos — significará uma mudança de rumo, resultante das resoluções assentes na Conferência de Washington...

A «NOVA» E AS OUTRAS FRENTE



SINCLAIR
Como a pretender dar réplica aos acontecimentos (quando já começada a batalha da fronteira egípcia), insistia-se de Washington na informação anterior de que as decisões ali tomadas forneciam «um quadro encorajador» e, mais ainda, que a queda de Tobruk não enfermaria o resultado final da batalha do Egipto. Simultaneamente chegavam as notícias — as mais recentes que registamos — do bombardeamento do porto de Bremen por mil aviões británicos, mas chegava também a do aprofundamento do ataque de Von Bock na frente de Karkov, até cerca de 100 quilómetros a sueste da cidade e a 60 para além do Donetz, ocupando numo mortífera batalha de três a quatro

dias, em estreita frente e com concentrados meios de execução, o entroncamento ferroviário de Kubiansk, o que faz recuar pouco sensivelmente a linha de Timochenko, mas destruiu a configuração da frente criada pelo marechal russo para a primeira batalha de Karkov.

É sintomático que a repetição dos bombardeamentos maciços contra a Alemanha sobreveio dois dias depois do órgão de Beaverbrook perguntar, a 24, quando eles seriam reatados, visto não haver razão de perdas nem dificuldades de organização para a sua interrupção, e Sinclair, o ministro da aviação, haver dito, no dia 22, que estavam a ser concluídos os preparativos para a invasão aérea do território inimigo. O cenário militar do Egipto e a poderosa pressão de Von Bock poderiam influir em apressar uma investida cuja continuação percussão se anunciara, e que de súbito foi estancada, mas ocorre perguntar se isto representará de facto uma transformação na atitude das Nações Unidas, e de carência de um comando central semelhante ao que Hitler admiravelmente aproveitou. Não andava longe da verdade o subsecretário parlamentar inglês das Colónias, Mac Millan, quando no dia 22 declarou em uma reunião em Bristol que ninguém pensasse em vencer com planos e promessas, se não com realizações imediatas, e que o termo da guerra para os Aliados dependia dos resultados da luta na Rússia e no Egipto; mas, pelo que acima dizemos, mais se propende a crer em que, se não é criado ao comando alemão um novo foco de absorção dos seus meios, mediante uma nova frente (calcula-se com certos fundamentos que os últimos dois meses de inacção das Nações Unidas foram importantíssimos para a realização dos planos do estado maior alemão nesta fase da guerra, e a isto mesmo aludia Litvinof há pouco em Nova York), a situação poderá oferecer-se mais tarde aos Aliados na Europa com aspectos de insolubilidades ou de dificuldades extremas.

Um crítico militar suíço, de nomeada, perguntava há dias porque não atacara Ritchie antes de Rommel, sabido como longos meses decorreram desde a última batalha da Líbia e ia sendo desfalcado o poder marítimo británico no Mediterrâneo.



Mapa das operações ofensivas alemãs na Rússia — em Karkov, no Donetz e em Sebastopol.

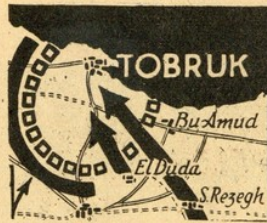
o que permitiu a chegada de reforços bastantes ao Corpo Africano alemão. Mas está provado que o general não dispunha de recursos para isso. De quem a culpa?...

Rommel abriu seguidamente a batalha do Egipto, desde 24. A 29 ocupava Marsa Matruh. Eram chamados reforços do 9.º exército da Palestina. Auchinlek — diziam naquele dia de Londres — esperava-os para atacar. Alexandria e o Cairo pareciam diante de Rommel. A reacção britânica ainda não se fazia sentir.

Na frente leste, von Bock fóra detido em Kubiansk por grandes contra-ataques de Timochenko. Mas perguntava-se se, alentado pelos triunfos do seu feld-marechal africano, Hitler não desencadearia agora o seu anunciado golpe, quem sabe se prolongado num assalto desde as linhas do Egeu sobre a Síria. No dia 28 uma pressão germânica mais forte contra o sector russo de Kursk, reforçava essa interrogação, Sebastopol indomava-se no seu heroísmo, diante de custosos avanços de Manstein a sul e nordeste.

A Rússia, como se vê, (e já assim fóra durante o recuo de Wawell e a segunda batalha libica), continuava a suportar o «fardo» de que falara o *Times*.

A imprensa americana a 29, con-



Como se operou o assalto a Tobruk. Enquanto as tropas italianas, à esquerda, sustentavam a luta, as divisões blindadas alemãs, partidas de El Duda e Sidi Rezegh penetravam nas linhas defensivas, à direita.

quanto confiante nas possibilidades das Nações Unidas, franzia sobrólhos e suspirava juízos sobre a situação na África do Norte.

Basta apontar estes factos para se ver o rumo dos sucessos e para se notar que (como se dizia em França nas vésperas de Foch receber o comando único) «il y a un trou par en haut.»

FENDAS



LAVAL
No dia 23, o Secretário do Estado inglês da guerra económica, Dinglefoot, fazia, a este respeito, uma importante revelação nos Comuns: «Rommel não recebe abastecimentos da metrópole francesa, mas continúa a receber na Líbia produtos da África do Norte francesa e os navios do «Eixo» utilizam as águas territoriais francesas». Levantaram-se alguns deputados e com razão perguntaram porque os Estados Unidos restabeleceram os fornecimentos para aquela colónia. E o representante do governo invocou declarações de Churchill a 2 de Julho e não explicou coisa alguma. De facto, não há maneira plausível para o explicar.

Na véspera, a 22, Laval, pela emissora francesa, pronunciara larga alocação endereçada ao povo do seu

(Continua na pág. 18)

Um episódio dramático da batalha de Macassar recordado, no Tejo, a bordo do "Drottingholm".

Uma reportagem de Augusto Fraça

H

AVIA qualquer coisa de estranho naquêlê indivíduo, magro e pálido, de cabelos despenhados, evadido de um canto de Conrad. Os gestos eram nervosos e os seus argumentos incisivos, não admitindo discussão. O seu relato não me fatigara. Fizera-me ver, até, que aquêles que dizem que a vida é um bem supremo, se enganam redondamente. A vida é, apenas, uma oportunidade que cada um de nós tem para realizar alguma coisa que sobreviva à própria existência. Nesta guerra, todos os dias estão a morrer jovens que seriam a esperança do mundo, somente em razão de um factor que vale mais do que a vida: o dever. Americanos, ingleses, alemães, russos, chineses, japoneses — morrem por êsse imponderável que é o dever. E se os contemporâneos olham sempre para o passado, como o que detem maiores glórias e mais nobres exemplos, pode dizer-se que o presente está muito perto dêle, pois os dias que vivemos são dos que ficarão na história do mundo.

Algumas palavras merece o sacrificio daquele homem, para salientarmos, sobretudo, como a honra e o dever valem mais do que a vida. Ele, mesmo, pediu que não revelassemos o seu nome na conversa que tivemos a bordo do «Drottingholm», a nave branca que serviu de vai-vem na troca de diplomatas e outras individualidades. Marinheiro de rija tempera, não quis perder tempo. E aproveitou as férias que lhe foram concedidas para galardoar seu heroísmo, alistando-se na equipagem daquêlê barco como ajudante de maquinista...

Um colega estrangeiro apontara-me êsse homem magro e pálido, dizendo: «Está ali uma grande

história! É já conhecida na América, mas tem interesse de novidade para a Europa!» Não hesitei. E ao ouvi-lo, impressionou-me profundamente o facto de raras vezes ter falado dêle próprio. Referiu-se sempre ao seu comandante com um respeito, uma obediência admiráveis, ao contar a história do «seu navio» — o cruzador «Marblehead», que fêz uma heróica viagem de 13.500 milhas, passando por um inferno de bombas depois de haver sido bombardeado pelos aviões japoneses, no estreito de Macassar, ao largo de Bornéu.

CICATRIZES DE GUERRA REMENDADAS E PINTADAS...

«Todos vivemos horas difíceis — começou o antigo tripulante do «Marblehead» — mas o nosso comandante Robinson teve, porém, diante de si circunstâncias bem mais penosas. Houve um momento em que êle quis morrer e não pôde. E não pôde porque o dever de viver e de fazer viver os homens que tinha sob as suas ordens a isso o conduziu. O «Marblehead», ainda a meter água, entrou vagorosamente num porto americano com os meus camaradas mortos há muito sepultados, os feridos hospitalizados, as suas cicatrizes de guerra remendadas e pintadas. Só no tombadilho se adivinhava a miséria das horas cruéis e, nas nossas faces, a história da luta sangrenta. O nosso barco de pouco mais de sete mil toneladas era um navio fantasma dado como afundado pelos japoneses. As nossas famílias julgavam-nos mortos. E, na verdade, houve momentos em que «estivemos quasi perdidos... Salvou-nos a vontade de ferro do nosso comandante...»

«O ataque principiou quando andávamos em missão de ofensiva. Foi nas primeiras fases da ofensiva japonesa para a conquista das Indias Orientais Holandesas. Salvo erro, foi no dia 4 de Feve-

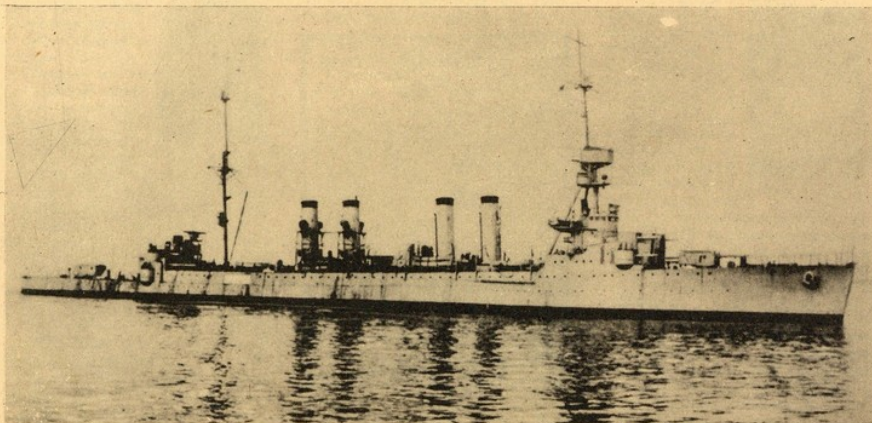


O tripulante do «Marblehead» — o que se vê à direita, com calças brancas — fotografado com um colega a bordo do «Drottingholm», após ter contado ao nosso colaborador a sua odisseia.

reiro. Encontravamo-nos ao largo de Balikpapan, aguardando que um grande «combóio» japonês, que já havia sido localizado nas vizinhanças, oferecesse combate. Juntamente com os outros navios, recebemos de um avião de reconhecimento americano o aviso de que uma esquadra aérea inimiga se aproximava. Os sinos de alarme

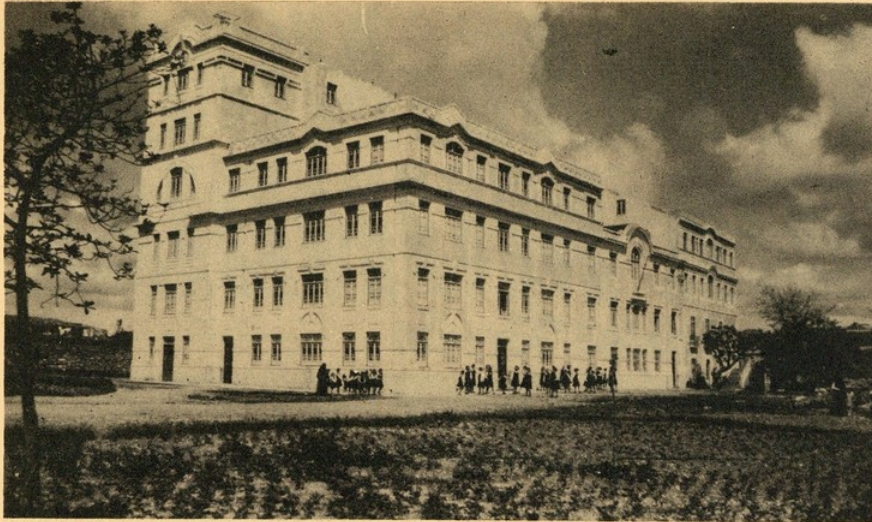
deram o sinal e dirigimo-nos, imediatamente, para os postos, manejando os canhões anti-aéreos enquanto o chefe das operações traçava o curso dos aparelhos inimigos. Não tardou que êstes apparecessem. Era uma possante armada aérea, composta de grandes bombardeiros terrestres, reflectindo os raios do sol. Contámos, no mínimo, vinte e sete aparelhos. Os bombardeiros começaram a descer sobre nós, enquanto os nossos canhões cuspiam para o céu as suas cargas mortíferas e as bombas abriam grandes círculos revoltos de espuma branca a pouca distância do navio. As velhas máquinas do «Marblehead» estremeceram obedecendo à ordem de darmos toda a força ávante.

«Na ponte de comando, o comandante Robinson manejava o barco que parecia uma cobra aos ziguezagues, procurando evitar as bombas. De repente, sentimos o navio inclinar-se e estremecer todo. Logo as chamas irromperam furiosamente no tombadilho. Ouviu-se, então, a voz do marinheiro do leme que gritou angustiosamente: «A engrenagem está destruída». Não quero recordar os momentos terríveis que se seguiram. Utilizou-se o leme de emergência, mas difficilmente obedecia, também, e o navio navegava em círculos malu-



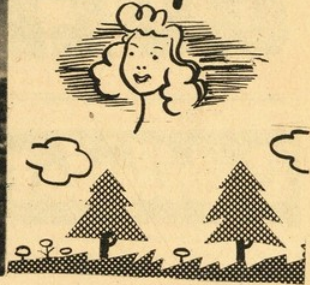
O cruzador «Marblehead», que fêz uma trágica viagem de 13.000 milhas.

(Continua na pág. 18)



Colégio do Sagrado Coração de Maria — Lisboa

Educação feminina na capital



Revelação inesperada

—«É aqui o Colégio Vaseo da Gama?» — inquirimos do velho porteiro, que tomava o fresco encostado ao portão de ferro que dá para a Avenida Manuel da Maia.

—«Perdão, agora é Colégio para meninas e...».

—«Ah! não sabia» — interrompemos, em tom de decepção. — «E mudou então de nome?».

—«Sim, Senhor. Agora chama-se Colégio do Sagrado Coração de Maria. É o mesmo nome das Religiosas que o dirigem». E logo, obsequiosamente, pergunta:

—«Deseja visitar o Colégio?»

—«Pois, sim» — respondemos, ainda com uma pontinha de desapontamento por não termos podido lá meter o pequeno. Mas, enquanto iam atravessando o vasto terreno que nos separava do edifício, pensávamos cá com os nossos botões: — «Se aquilo por dentro, me agrada tanto como

estudo com os planos oficiais» — informá-nos a Irmã que nos acompanhava. Explicá-nos, em seguida, os métodos educativos em uso naquele Instituto, métodos cujo êxito vemos confirmado na atitude franca e nas maneiras simples e distintas das alunas.

Depois de breve visita a diversas aulas — todas cheias de luz e de ar — detivemo-nos um pouco mais no laboratório, salas de física, de ciências naturais e de desenho. Passámos, em seguida, à sala de jantar e, dali, subimos aos quartos e dormitórios. As chitas alegres das colchas e dos biombo davam ao ambiente um tom de frescura e de bom gosto que dispunha bem para o repouso.

A medida que iam percorrendo as diversas dependências — desde o amplo ginásio até ao alto da torre, donde se disfruta um amável panorama — o nosso interesse ia também subindo de ponto. E até já nos

—«É preconceito de muitos... Com o tempo, constamos que se irá desfazendo».

—«Quem brinca bem, estuda melhor!» — comentou, a sorrir, a boa Irmã.

Curámo-nos, respeitosamente, em agradecimento pela gentileza do acolhimento e despedimo-nos, prometendo voltar em Outubro, com a nossa aluna.

T. C.



Desta «massa» é que se faz... uma «doutora»!



Quem brinca bem, estuda melhor!

por fóra, quem vem para cá é a miúda garota...».

A visita ao Colégio durou perto duma hora mas não demos o tempo por mal empregado. Tivemos a boa sorte de apanhar as aulas a funcionar em cheio. Corremo-las todas, desde a classe infantil — onde encantador ranchinho de pequenitas se ocupava a entretecer fitinhas de papel colorido — até à aula de matemática, onde as mais velhas seguiam, atentas, uma demonstração que a professora fazia no quadro.

—«Temos o maior cuidado em conformar os nossos programas: de

parecia ver a «miúda», de uniforme azul e blusinha muito branca, a subir os primeiros degraus da vida, no ambiente de alegria sã, de trabalho sério e de ideias desempoeiradas, baseadas na moral cristã, ambiente que sempre tínhamos sonhado para ela e que (isto aqui muito para nós!) nunca supuséramos encontrar em Colégio de meninas e muito menos em Colégio dirigido por «freiras...».

Não nos levou a mal a boa Irmã que tivéssemos a franqueza de lho dizer, e, benévola, limitou-se a responder:



Preparando o futuro...

(Fotos F. Villas)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XI - Águia sobre o Mediterrâneo

2

A CAMPANHA DA ABISSÍNIA

A campanha da Líbia, cujo desenvolvimento implicou uma decisão inesperada nos destinos da África do Norte, não deve considerar-se isoladamente. Essa campanha, a considerar-se apenas a sua importância e a sua significação local, traduziu-se por um «match» nulo. Os ingleses, que inicialmente conquistaram a zona geográfica que se estende entre o Egipto e o Golfo de Sirte, perderam-na depois e com muito mais rapidez do que aquela que lhes bastou para a conquistarem. As razões deste abandono são de várias ordens. Mas a tónica sobreleva, certamente, a necessidade de desviar tropas para a Grécia e para os Balcãs onde, a partir de certo momento, se jogou a sorte da Europa continental. Correu, na altura, com certa insistência, que haviam surgido divergências entre o Primeiro Ministro, Winston Churchill, e o comando militar, sendo este de opinião que a campanha vitoriosamente iniciada devia ser levada a bom termo antes que se tentasse qualquer outra diversão. Os boatos foram, posteriormente, desmentidos embora, à primeira vista, houvesse tódá a vantagem em não desviar tropas do continente africano para a Europa.

As exigências de ordem política dominavam as considerações de carácter militar. A Grã-Bretanha prometera um auxílio incondicional à Grécia. A sua posição diplomática sensivel-

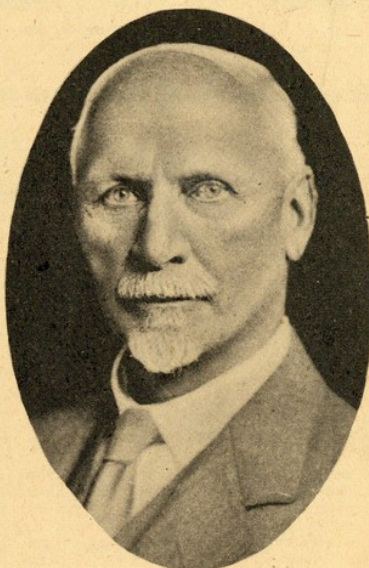
mente abalada pelos episódios que precederam a declaração de guerra (Checo-Eslóvaquia, Austria, etc.) e por aquêles que acompanharam a primeira fase da luta (Polónia, Noruega, etc.) podia ficar irremediavelmente comprometida se não se cumprisse a palavra dada. Por outro lado, o golpe de Estado que o general Simovich dera em Belgrado reflectia-se nas relações entre a Grã-Bretanha e a Jugo-Eslávia e nas relações entre este país e a U. R. S. S. O Primeiro Ministro, que considerava já possível a entrada dos soviéticos na luta, era de opinião que o auxílio dado aos países de origem eslava e sobretudo o cumprimento exacto dos compromissos assumidos eram factores de importância capital para o desenvolvimento futuro dos acontecimentos. Estes acabaram por dar razão às suas suposições. Que teria acontecido se a Grã-Bretanha não tivesse auxiliado, embora inutilmente, a Grécia quando este país suportava o embate de duas nações poderosas? Que se teria passado se ela não correspondesse ao apêlo do rei Pedro e do general Simovich?

AS CARACTERÍSTICAS DA CAMPANHA

Mas se, sob o ponto de vista territorial, a primeira campanha da Líbia não conduzia a qualquer resultado positivo (no fim dela os ingleses encontravam-se na fronteira do Egipto, quer dizer no ponto de onde haviam partido) sob o ponto de vista militar e sob o ponto de vista político, as suas consequências apareciam enormes. Como força de combate, o exército do marechal Graziani estava afastado do tabuleiro das forças em presença. Era necessário reconstituí-lo, em homens e em material, tarefa que não deixaria de levar certo tempo. Além disso as exigências da luta, e este é o facto capital a assinalar nesta fase da guerra, trouxera os alemães para o Mediterrâneo e para o Norte de África, levando-os a um teatro de operações que certamente não estava, de início, no pensamento dos seus dirigentes. Esta circunstância inesperada traduzia-se por uma dispersão de forças que se não fazia sentir de maneira sensível no tocante às tropas de terra (o «Afrika Korps» era, em número, bastante pequeno para poder pesar no conjunto do exército alemão), mas que afectava a «balança das forças de aviação e dos contingentes de especializados.

A vitória rápida do general Rommel, reconduzindo as forças imperiais britânicas à fronteira do Egipto, aumentava o prestígio militar de que o Reich disfrutava e que fôra já sensivelmente valorizado pela maneira rápida como se haviam concluído as operações nos Balcãs. Mas os alemães também não estavam em condições de explorar a progressão territorial que haviam conseguido. Para isso concorriam várias razões: a circunstância de Tobruk continuar em poder dos ingleses; o tempo impróprio para conduzir activamente operações no Norte de África; a falta de meios materiais que haviam sido audaciosamente comprometidos no percurso entre El Aghella e Sollum.

Mas além do afastamento do exército de Graziani, os ingleses tinham conseguido, entretanto, outras vantagens apreciáveis em África. A posição do marechal Smuts e do partido de guerra fortaleceu-se na África do Sul. E a campanha da África Oriental, que vivava sobre-



General Smuts

tudo a ocupação da Abissínia e a utilização do Mar Vermelho como via normal de trânsito, completou-se vitoriosamente num prazo de tempo que pode considerar-se bastante curto.

A ÁFRICA ORIENTAL ITALIANA

No começo de 1941, os italianos ocupavam todo o conjunto geográfico geralmente conhecido pela designação de África Oriental. Esta designação englobava as possessões propriamente italianas (Abissínia, Eritreia e Somália italiana) e a Somália inglesa que fôra ocupada pelos italianos em Agosto de 1940. Neia se compreendiam também algumas áreas, embora de diminuta importância, junto à fronteira do Sudão e do Kenya.

Foi em Janeiro de 1941 que propriamente começou a ofensiva britânica naquelas paragens. Essa ofensiva coincidia com um crescente movimento insurreccional dos chamados patriotas abissínios, animados pelos elementos favoráveis à causa do antigo imperador Haile Selassie. Simultaneamente os aviões da R. A. F., cujo potencial começava a afirmar-se, atacavam os italianos que se encontravam na região do Nilo Azul, a leste de Kurmuk. Tornou-se rapidamente conhecida a notícia de que nas proximidades se encontrava uma missão militar britânica, a qual, durante alguns meses, se encarregou de organizar e adextrar as forças dos abissínios que vinham pôr-se à sua disposição. O antigo Negus encontrava-se; desde Julho de 1940, em Khartoum, para onde fôra



Duque de Aosta

transportado por um avião britânico, aguardando o momento de se colocar à frente do movimento nacional que simbolizava.

Nas suas linhas gerais, a campanha que conduziu à ocupação de toda a África Oriental pelas tropas imperiais britânicas resume-se num movimento de penetração, com as características especiais da mobilidade e da surpresa, a qual demorou pouco mais de quatro meses.

Em 19 de Janeiro de 1941, Kassala, no caminho de ferro de Port-Sudán, foi ocupada, iniciando-se o movimento ofensivo em direcção à Eritreia. No fim daquele mês as operações ofensivas alargavam-se à região de Gallabat-Kurmuk, à zona fronteiriça do norte de Kenya e ao longo de toda a costa que se estende entre o Kenya e Kisenayau.

A parte ocidental da Abissínia é uma região de montanhas escarpadas, cortada pelo vale do Nilo Azul. O plano britânico consistia em cercar essa vasta região montanhosa, conduzindo simultaneamente duas ofensivas de envelopadura.

O DESENVOLVIMENTO DA OFENSIVA

As zonas onde essas ofensivas deviam realizar-se estavam separadas por uma distância apreciável: mais de mil e quinhentos quilómetros. Uma das ofensivas devia ser desencadeada ao norte, na direcção de Keresi, a outra, partindo do Kenya, devia orientar-se, depois de atravessado o rio Juba, para Mogadíscio.

A ofensiva desencadeada ao norte fez progressos rápidos. Poucos dias depois da ocupação de Kassala, as tropas imperiais britânicas alcançavam e ocupavam Agordat. Desde esse momento o seu objectivo consistia em isolar as montanhas do norte da Abissínia.

Os italianos nesse sector tinham o seu principal reduto em Keren. A sua acção conjugava-se com a de outras forças que, partindo de Mersa Taclai, utilizavam uma excelente estrada para a sua progressão. Antes de terminar o mês de Fevereiro, a posição fortificada de Keren foi investida de todos os lados. Mas a resistência italiana revelou-se, desde o primeiro dia do cerco, decidida e eficaz. Até 27 de Março resistiu a todos os ataques desencadeados pelas tropas imperiais e a sua resistência influiu poderosamente no conjunto das operações. Estas tinham de ser encorçadas no quadro geral das operações desencadeadas no continente africano, em relação estreita, portanto, com a contra-ofensiva das tropas do «eixo» no deserto da Líbia, em direcção ao Egipto. Depois da queda de Keren, a progressão das tropas imperiais fez-se com relativa facilidade. Asmara, capital da Eritreia, caiu em seu poder no último dia de Março. A primeira semana de Abril viu o fim da resistência italiana no importante porto de Massaua, sobre o Mar Vermelho. Assim o norte da Eritreia, região de incontestável importância militar para o prosseguimento das operações por parte dos ingleses, passou para as mãos destes. As tropas indianas distinguiram-se pela sua mobilidade e persistência em todo o conjunto de operações que teve o seu ponto culminante na ocupação de Keren. O mar voltava a poder favorecer os desígnios do comando britânico. Atingido o litoral era, relativamente, fácil aos ingleses fazerem intervir na campanha forças navais que, embora pouco numerosas e importantes, facilitavam em muito a realização dos seus objectivos estratégicos.

O AVANÇO PELO SUL

Entretanto o avanço das tropas imperiais que haviam partido do Kenya, no sul, fazia progressos rápidos. Essas tropas eram constituídas por contingentes sul-africanos e por forças indígenas da Costa do Ouro, da Nigéria e do próprio Kenya. As suas guardas avançadas atingiram Kismayn, na costa, no dia 15 de Fevereiro. Dez dias mais tarde ocupavam Mogadíscio. A partir deste porto, em vez de seguirem ao longo do litoral, reflectiram para nordeste e penetraram profundamente no interior do território etíope. O seu objectivo principal era a cidade de Harrar.

Em treze dias essas tropas fizeram um percurso quasi inverosímil: cerca de mil quilómetros em terreno difícil e com um tempo pouco favorável. Em 10 de Março tinham alcançado Dagobur. Continuando o seu avanço chegaram, seis dias depois, a Jijiga, um importante centro de comunicações que comanda os caminhos de Dagobur para o norte e Addis-Ababa para leste. Ao mesmo tempo as forças navais que opera-

vam no Mar Vermelho apoderavam-se de Berbera, terminando assim a ocupação italiana na Somália britânica, a qual se prolongara durante cerca de sete meses.

O avanço continuou. A marcha, especialmente por parte dos sul-africanos, era impetuosa mas cautelosamente preparada. Em 27 de Março alcançaram eles Harrar, e dois dias depois Dire Dawa. O seu objectivo era, por um lado, caminhar para ocidente e ocupar, o mais rapidamente possível, a capital do país; por outro, seguir para o norte a fim de fazer a junção com as tropas imperiais que operavam nessa direcção, isolando, ao mesmo tempo, a Somália francesa e o importante porto de Djibuti.

Chegados a Harrar, os núcleos mais importantes das forças sul-africanas marcharam em direcção a ocidente, ao longo do caminho de ferro Djibuti-Addis Abeba, no troço que corre em território etíope. A progressão foi rápida e fez-se sem incidentes dignos de registo. Em 6 de Abril a ofensiva das tropas imperiais alcançava Addis-Ababa, cuja ocupação se fez rapidamente. Em cerca de dois meses a Grã-Bretanha havia conseguido realizar os seus mais importantes objectivos políticos. As tropas que haviam partido de Kenya tinham percorrido nesse curto prazo de tempo mais de dois mil e quinhentos quilómetros, vencendo a resistência do inimigo e os obstáculos naturais.

DEPOIS DA OCUPAÇÃO DE ADDIS-ABEBA

Depois da ocupação de Addis-Ababa pelas tropas imperiais britânicas, as forças italianas que ali se encontravam, e que eram comandadas superiormente pelo duque de Aosta, retiraram-se para nordeste procurando alcançar Dessie, a fim de poderem constituir nesta cidade um novo centro de resistência. Mas Dessie foi tomada em 28 de Abril e os italianos viram-se na necessidade de continuar a sua marcha para o norte, organizando a resistência na região montanhosa de Amba Alagi. Entretanto, outras forças britânicas provenientes de Asmara cortavam a retirada italiana. Em 19 de Maio verificava-se a rendição de importantes contingentes italianos, em Amba Alagi, num total de mais de dezasseis mil homens. Duas semanas antes, o imperador Haile-Selassie fizera a sua entrada oficial em Addis-Ababa na data comemorativa da ocupação italiana.

A resistência dos italianos, pertinaz e utilizando todos os recursos que resultavam do seu conhecimento perfeito do país, ficou assim confirmada em duas zonas montanhosas situadas ao norte e ao sul: ao norte na região de Gondar, ao sul na região dos lagos. Essa resistência havia de prolongar-se por alguns meses sem conseguir influir, porém, na decisão da luta. Na região dos lagos começaram a operar novos contingentes de tropas imperiais vindas de Kenya. Em 10 de Junho anunciava-se oficialmente que tinha sido conquistada a vasta região dos lagos, e doze dias depois, a 22 daquele mês, os etíopes fiéis ao antigo imperador conquistavam e ocupavam Jimma.

As forças imperiais que operavam na Eritreia não tinham também descurado a missão que lhes havia sido confiada.

Em 12 de Junho o importante porto de Assab caiu em seu poder, e pouco depois o resto do território que constituía aquela província italiana tinha o mesmo destino.

Nos primeiros dias de Julho podia dizer-se que, sob o ponto de vista militar, a campanha da África Oriental estava praticamente terminada. A Grã-Bretanha havia conseguido os seus objectivos. Apenas na região de Gondar se mantinha um núcleo de resistência de certa importância. Mas era evidente que esse núcleo, privado do auxílio externo, se veria, mais cedo ou mais tarde, obrigado a submeter-se.

A campanha da África Oriental andava intimamente relacionada com os acontecimentos que, por essa altura, se desenvolviam no norte de África e nos Balcanes.

A sorte dos italianos isolados na Abissínia só poderia modificar-se se a ofensiva germano-italiana da Líbia conseguisse uma vitória total aniquilando as forças britânicas que se lhe opunham. Nesse caso, com o domínio do Egipto, o controle do Canal de Suez e a descida pelo Mar Vermelho teria sido possível socorrer as tropas enfraquecidas que continuavam a resistir sob o comando do duque de Aosta. A utilização de Tobruk como centro de fixação para a ofensiva comandada pelo general Rommel e a escassez relativa de meios com que este era obrigado a operar, tornaram inviável aquela

hipótese.

Por seu lado os ingleses viram uma parte dos seus planos frustrados pela pertinácia da resistência italiana. Qualquer que fosse o valor relativo dessa resistência, a própria circunstância de ela existir obrigava o comando britânico a tomar precauções especiais não desviando forças para outros teatros de operações. A lição colhida na Líbia com a dispersão de tropas enviadas para a Grécia aproveitou na Etiópia. Assim os ingleses, também por falta de meios materiais e de efectivos, se viram na impossibilidade de impedir o avanço de alemães e italianos no curso do Mediterrâneo, regressando, como antes da ofensiva do general Wavell, à fronteira do Egipto.

CONSEQUÊNCIAS DA CAMPANHA

No dia 22 de Julho foi oficialmente anunciado que os territórios conhecidos pela designação de África Oriental Italiana haviam sido ocupados por tropas de S. M. Britânica. Este resultado, conseguido num prazo de tempo relativamente curto, ia fazer sentir os seus efeitos não só no teatro de guerra africano, mas no quadro geral da luta militar. O continente africano, com excepção das possessões que continuavam em poder de autoridades francesas, da porção de território da Líbia e da Tripolitana onde se tinham concentrado as forças do «Eixo» e das colónias de países neutros, passou a ser controlado pela Grã-Bretanha e pelos seus aliados. A parte mais importante do seu litoral, a ocidente, ao sul, e a leste, era dominada pelos navios da esquadra britânica. A costa do Cabo passou a estar, assim, praticamente desimpedida e por ela começaram a passar os comboios marítimos que transportavam material de guerra e homens para os diversos teatros de operações.

Facto de capital importância: em 11 de Abril, com a ocupação do importante porto de Massaua, o controle da costa da Eritreia e da Somália passou para as mãos dos ingleses. Estes apressaram-se a proclamar a liberdade de trânsito pelo Mar Vermelho. O presidente Roosevelt, considerando que este mar deixara de ser uma zona de operações, permitiu que os navios com pavilhão norte-americano transitassem por ele. Assim o material americano, embora por um caminho longo — a costa oriental de África e o Mar Vermelho — pôde ser levado aos exércitos britânicos que começavam a concentrar-se em formações poderosas no Próximo Oriente, no norte de África e na Etiópia.

Toda a campanha, embora realizada por outros oficiais, especialmente pelos generais Cunningham e Platt, fora preparada pelo general Wavell e realizada por inspiração sua. Os resultados conseguidos justificam amplamente a excelência do plano imaginado. Quando a campanha da Abissínia atingiu o seu termo, o general Wavell foi enviado para a Índia a fim de assumir novas e importantes funções. À entrada das tropas alemãs em território russo (22 de Junho) criou um condicionalismo novo para o actual conflito. As circunstâncias, mais que a vontade dos homens, punham, lado a lado, no mesmo campo ingleses e russos. A perspectiva duma aliança militar anglo-russa tornou-se predominante, e para a realizar praticamente foi escolhido o general Wavell.

Sob o ponto de vista militar, o êxito da campanha da Abissínia foi, principalmente, o resultado da forma excepcionalmente eficaz com que funcionaram os serviços de abastecimentos e da cooperação que às operações desenvolvidas em terra deu a arma aérea. A R. A. F. operou inoportunamente em directa colaboração com o exército neste teatro de guerra. O Estado Maior britânico aproveitou, em longa escala, os ensinamentos colhidos durante a ofensiva alemã no ocidente da Europa em meados do ano anterior. Assim a cooperação das forças aéreas, que já se revelara bastante eficaz durante a acção do general Wavell na Líbia, tornou-se decisiva no decurso da campanha da Abissínia. Em terra, a mobilidade foi a principal característica da acção das tropas imperiais britânicas. O treino excepcional a que essas tropas foram submetidas concorreu poderosamente para o resultado final a que os ingleses puderam chegar. O coronel Wavell estabeleceu doze anos antes, em trabalhos publicados em 1928, a doutrina da mobilidade das tropas como condição essencial da vitória. Quando chegou o momento de praticar as regras teóricas que estabelecera desempenhou-se dessa missão em condições que justificam amplamente a reputação que, a partir desse momento, alcançou.

(Continua)

PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 11)

país. Nesta alocução, aparecem as seguintes afirmações: «Tenho vontade de estabelecer com a Alemanha e a Itália relações normais e confiáveis. Desta guerra surgirá inevitavelmente uma nova Europa. Fala-se muitas vezes de Europa: É uma palavra à qual em França se não está ainda muito habituado. Amamos o nosso país porque amamos a nossa aldeia. Quanto a mim, francês, desejaria que amanhã pudessemos amar uma Europa, na qual a França terá um lugar digno dela. Para construir essa Europa está a Alemanha travando combates gigantescos. Ela tem que juntamente com outras nações, fazer imensos sacrifícios e não poupa o sangue da sua mocidade. Para a lançar na batalha vai buscar-lhe às fábricas e aos campos. Desejo a vitória da Alemanha porque sem ela o bolchevismo instalar-se-ia amanhã em toda a parte.»

A seguir, Laval apelou para que os operários franceses vão trabalhar para a Alemanha, e que a indústria francesa trabalhe para a Alemanha. Os jornais de Paris classificaram estas declarações e apelos como resposta às «maquinações de Churchill e Roosevelt», e, mais ainda, como «réplica a Mers-el-Kebir, a Dakar e à Síria». A Wilhelmstrasse comentou-as dizendo que eram muito interessantes pois «manifestam extraordinária convicção, sentimento e visão». Mas interrogado no dia seguinte sobre as remessas de alimentos e outros abastecimentos não militares do Estados Unidos para a África do Norte francesa, Cordell Hull «mostrou que os planos para esse fim não estavam anulados».

O mais assombroso, porém, de tudo isto é o indignado clamor que contra Laval assaltou de repente a imprensa britânica e americana. O presidente do governo do marechal Pétain cumpre somente à risca o seu pacto com o marechal Goering, organizando na França ocupada e não ocupada a retaguarda dos abastecimentos à Alemanha e procede do mesmo modo na fronteira ocidental da Líbia. Porventura isto mesmo não tem sido feito há muito tempo com pleno conhecimento dos governos

aliados que, para não melindrarem o de Vichy, desde o chamado colapso da França se recusaram e recusam sempre a reconhecer oficialmente à Comissão dos Franceses Livres os mais leues poderes de representante dos interesses franceses, apesar de a Inglaterra e os Estados Unidos deverem à bravura desses punhados de homens digníssimos a segurança no Próximo Oriente e na África Equatorial, a página heroica de Bir-Haqueim que, como agora se vê, salvou durante 16 dias, o 8.º exército de Ritchie, e a não menos heroica de Saint-Nazaire, cuja fidelidade não foi levada a cabo? Acaso não permanecem sem remate as negociações da Martinica? Não continuam os «movimentos» inimigos na Guiana Francesa, a despeito dos protestos do Brasil? Pois quem abstece na Europa a Alemanha? Onde se abstem os submarinos de Donitz no Atlântico ocidental?

O episódio parlamentar na sessão dos Comuns do dia 23 veio, mais uma vez, confirmar que toda a política diplomática de Londres e Washington continua a ser tudo menos — ao contrário da política diplomática alemã inteligentemente conduzida como uma arma militar — uma política de guerra.

Neste momento, diz o correspondente em Berlim do *National Zeitung* de Berne, o povo alemão sobreexaltado-se em expectativa da ofensiva a leste como nos dias dos blitz de 1940 e 1941, tendo apenas a renovação dos grandes raids destruidores da R. A. F. e a eventualidade da abertura de uma segunda frente, ou de os Aliados passarem à ofensiva ocidental. Ve-se melhor para lá do Reno, do que para além da Mancha e do Atlântico. E as mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos. Um erro dos estadistas Aliados, em 1917, provocou mais um ano de guerra e mais de um milhão de mortos. E ainda hoje se pergunta para quê.

Terão agora os Aliados o sobressalto audaz que os leve a vencer esta sua nova crise na condução da guerra? Soará também agora a hora de Doullens?...

PORQUE CAIU TOBRUK

(Continuação da pág. 12)

em todos os sectores da frente leste. O seu regresso eventual a um teatro de operações que está intimamente relacionado com a campanha do Cáucaso, em pleno desenvolvimento, seria uma satisfação dada aos sentimentos russófilos daquele conhecido chefe militar britânico.

Na queda de Tobruk além dos problemas do material e do comando há que considerar a posição de relativa inferioridade em que se encontrava, quando se deu aquele acontecimento, a esquadra britânica do Mediterrâneo Oriental. A eficiência dessa esquadra foi diminuída pelas seguintes circunstâncias: o afundamento do «Barham» e do «Ark Royal»; o envio do «Queen Elisabeth» para a ocupação de Madagascar; a ida de navios de linha britânicos para o Índico. O ímpeto da ofensiva japonesa em direcção à Índia e a Ceilão moderou-se. Esta vantagem evidente no conjunto das operações teve agora a sua contrapartida fatal.

Por último é de considerar a

questão dos efectivos e a qualidade daqueles que se encontravam em Tobruk. A esse respeito ainda não há informações precisas. Sabia-se que a defesa da cidade estava confiada a contingentes britânicos, sul-africanos e indianos. Nada se sabe, porém, nem quanto à importância dos efectivos nem quanto à qualidade dos comandos. A averiguação deste pormenor é indispensável para uma exacta apreciação do que passou. Mas é desde já evidente que a experiência e o valor combativo dos «anzacs» teriam, segundo todas as probabilidades, contribuído para modificarem o curso dos acontecimentos.

Para completar este artigo restaria fazer uma apreciação tanto quanto possível exacta, das possíveis consequências que a queda de Tobruk implica. Essas consequências aparecem intimamente relacionadas com a própria sorte da guerra nesta fase crucial, em vésperas de se celebrar o terceiro aniversário da sua eclosão.

ODISSEIA DUM TRIPULANTE DO "MARBLEHEAD",

(Continuação da pág. 14)

cos, raspando as bombas que caíam de um lado e do outro, nas águas balouçantes do estreito de Macassar. Os tombadilhos estavam escoreggiados devido ao óleo e à água. Havia já quinze mortos e muitos feridos; os seus corpos estavam entalados nas vigas de aço, contorcidas em um montão de ruínas. As chamas cresciam, desprendendo colunas densas de fumaça negra e, da prôa à popa, a água penetrava no casco como se este fora uma peneira».

A TAREFA EXTENUANTE DA «BRIGADA DOS BALDES»...

«Continuávamos a navegar em círculos, afundando-nos lentamente. Estávamos ao sabor do acaso. Variando a velocidade de cada uma das hélices, o comandante conseguiu descrever círculos maiores e menores desviando-se das bombas japonesas o mais possível. Os aviões inimigos surgiam, porém, em vagas sucessivas, minuto após minuto, hora após hora, enquanto os nossos canhões de três polegadas continuavam mantendo o inimigo a elevada altura. Nesse instante, vimos perfeitamente o cruzador «Houston» ser atingido por uma bomba próxima da torre dianteira, mas os seus possantes canhões anti-aéreos colheram um avião japonês no ar. O aparelho «entrou» em descida emocionante, trazendo consigo bombas e tudo o mais e procurando vir de encontro ao tombadilho do «Marblehead». Os nossos canhões, porém, destruíram-no no ar e caiu a poucos metros de distância».

Aqui, o nosso interlocutor suspendeu por alguns segundos a sua narrativa. A sua face endurecida pelas horas amargas que vivera estava humedecida por bagas de suor que afluíam com o calor das suas palavras...

«Foi um alívio — prosseguiu — ao vermos desaparecer nas águas fundas após um aparelho! Entretanto, após tremendos esforços conseguiu-se consertar o leme. Tínhamos que nos safar daquele inferno. Todavia, o barco estava já meio submerso. Com grandes rombos no casco a água entrara rapidamente. As bombas não eram suficientes para esvaziá-la. Assim, formámos uma «brigada de baldes» e começámos a nossa tarefa como se estivessemos num pequeno barco de remos...

«Durante uma noite inteira, rumamos para o Sul, sob a protecção

de uma flotilha de «destroyers», atravessando as águas estreitas das Índias Holandesas. O comandante estava perante um problema difícil: tinha de safar-se daquela zona antes que amanhecesse. Quando o sol despontasse já devia estar fora do alcance dos pássaros da morte, que esperavam mais uma oportunidade para o golpe de misericórdia. Só a sua cabeça calma e as suas mãos dexas poderiam conseguir o milagre de nos levar a porto de salvação. Era impossível navegar com velocidade, pois a prôa já estava submersa, e o mar apresentava-se carrancado. Foram horas infernais! As «brigadas de baldes» trabalhavam sem descanso. Outros homens da tripulação procuravam dominar os incêndios. E, como loucos, entramos em Tjilatjap, onde conseguimos fazer algumas breves reparações. O comandante Robinson havia permanecido na ponte do comando, por mais de sessenta horas. E todos nós, sem distinção, tínhamos em cima do lombo, sem dormir, para cima de 48 horas. Daí, seguimos para Chilachap, onde entendámos os mortos e cuidámos melhor dos feridos».

O REGRESSO A CASA

«Abandonámos aquele porto, pouco antes do ataque aéreo japonês e rumamos para o Ceilão sem nenhuma escolta. Ali, consertaram o leme e fizemo-nos, novamente, ao mar, desta vez com destino à África do Sul — 4.376 milhas de distância que foram vencidas com as nossas próprias forças. Só, então, conseguimos descansar. O «Marblehead» entrou num estaleiro, onde foi convenientemente reparado. E o regresso a casa fez-se sem incidente de maior. Apenas trazíamos à mostra as cicatrizes de guerra e a consciência tranquila de termos cumprido o nosso dever...»

Esta história fôra-nos confiada num tom emocionante, como o de um bom locutor americano ao comentar uma corrida de cavalos ou um combate de «box», num filme de actualidades. Havia, de facto, qualquer coisa de estranho naquele indivíduo magro e pálido de gestos nervosos e palavras incisivas. Devia ser o orgulho do sentimento de obediência que é a maior virtude do soldado ou do marinheiro. Não lhes cabe discutir nem o Bem nem o Mal. Obedecem, apenas, como se fôsse cadáveres...



O PESSOAL DA CASA Amador A. Domínguez & C.ª (Filho) organizou recentemente na quinta da Graça, na Cruz Quebrada, um almoço de homenagem aos sócios daquela firma. A foto mostra-nos um grupo dos assistentes à festa.

O RELÓGIO DA TORRE

(Continuação da quarta página)

escondia-se. Pela janela da cozinha ela já sabia a cor que o sol tomava quando pairava em sangue por sobre o telhado daquela casa em frente. Não precisava de ouvir o ranger da chave na fechadura ou os passos em debandada para saber que eles se tinham ido embora. Abria então a porta e o quarto não lhe parecia vazio. Havia ali um mundo que ficava com ela a preencher-lhe as horas do seu isolamento. Mas a senhora Joana resmungava por hábito, sem se aperceber de que deixava emanar das suas queixas um fiozinho de ternura:

— Que desmazêlo! Ih, Jesus! O que aí vai!...

Em cima de uma cadeira desarrumada repositava um livro ainda aberto, que certamente serviu para preencher minutos de espera. Em cima dos móveis misturava-se a cinza do cigarro com vestígios de pó de arroz. O ramo de cravos que se erguia na jarra de loiça barata estava deslocado como se alguém precipitadamente dali arrancasse uma flor, arrastando as outras, que ficaram a pingar para cima do pano de croché. O outro ramo de flores da véspera fora atirado para o canto da janela.

Eram essas flores, sempre renovadas, que faziam a admiração da senhora Joana.

— Que desperdício!... — comentava quasi sempre.

La depois buscá-las, e ela, que não estava habituada a pegar em flores, tinha gestos de carinho ao querer compor as pétalas dos cravos emmurchecidos arrancados da frescura da jarra e expostos toda a tarde à torreira do sol.

Voltava então a falar alto como era seu costume, ao mesmo tempo que compunha as novas flores, na jarra:

— Sim, sim, é o que vos espera amanhã... Amanhã estarão vocês no lugar destas e outras virão para aqui... Oh! Oh! Vale bem a pena estarem agora todas vaidosas...

Abria em seguida as janelas, que estavam quasi sempre com as portas de madeira semi-cerradas, e deixava entrar a luz vermelha da tarde que morria. Sempre a falar alto continuava:

— Vamos lá arejar isto...

Pairava o fumo do cigarro misturado com água de Colônia. O frasco em cima do toucador estava desenvolvido. A senhora Joana ainda comentava:

— Que gente, santo Deus, que gente!

Depois sentava-se. Ficava por ali a pensar nem sabia em quê. Era o relógio que vinha, inclemente, lem-

brar-lhe as suas obrigações e que havia passado a hora do jantar. Mas quantas vezes o não ouvia. A noite surpreendia-a então com os olhos umedecidos.

* * *

Mas com o decorrer dos meses sofreu a senhora Joana grandes desilusões. Um dia éis faltaram. Tangeu o relógio da torre várias pancadas fortes, tão suas conhecidas; seguiram-se os quartos de hora e mais pancadas ainda de outra hora completa. A tarde ia avançando lentamente sem que ela ouvisse na escada os passos. Ficou nervosa. Entrou no quarto vazio e foi debruçar-se na janela, a querer descobrir no meio daquela gente que passava duas pessoas que ela afinal mal conhecia. Nem um nem outro. O tempo ia avançando, eles não vinham. A senhora Joana, com a boca seca, tinha o aspecto rígido de quem silenciosamente se vê obrigado a engolir uma afronta.

E isto repetiu-se depois várias vezes. Nas poucas tardes em que eles agora vinham, chegavam desencontrados. Ora um, ora outro, faziam-se esperar. Lá dentro a senhora Joana encerrava-se em feroz silêncio. Já nem falava só, era como se as palavras morressem afogadas na garganta. Assim que eles saíam, entrava no quarto e parecia-lhe que pairava no ambiente uma sombra de traição. A jarra mostrava-se nua de flores. O perfume era o mesmo, mas a ela parecia-lhe diferente. Era com rancor que abria as janelas. Havia mais pontas de cigarro no cinzeiro...

A senhora Joana sofria como se sentisse um pressentimento de abandono, de maior isolamento na vida, como se estivesse sendo atraída pelo calor de um sentimento que fugia, que ela não sabia explicar, mas que lhe gelava o coração.

E tudo acabou por fim. Nunca mais éis voltaram. Certa tarde éle disse-lhe que prescindia do quarto. Depois os dias passaram...

* * *

— Tão... Tão... Tão...

O relógio continuava a marcar as horas e a bater. E a senhora Joana chorava inexplicavelmente.

Foi ela, afinal, a única que sentiu aquele amor!

UM INVULGAR ACONTECIMENTO LITERÁRIO

MARIA DO MAR, poetisa de impenetrável mistério, responde quadra a quadra, às «CANTIGAS DE MAL-DIZER», de Silva Tavares, com o espiroso livro

«MAL-DIZER DE CANTIGAS»

Eis, ao acaso, uma quadra de Silva Tavares e a resposta de Maria do Mar:

SILVA TAVARES:

Segunda e terça falámos;
Quarta, quinta e sexta amei;
No sábado, enfim, casámos;
No domingo descansei!

Resposta de MARIA DO MAR:

Foi tudo feito a correr.
Segundo dizem, até...
Na segunda — está a ver! —
Tinham vocês um bebé...

Preço de «CANTIGAS DE MAL-DIZER», ou de «MAL-DIZER DE CANTIGAS», 6\$00. Os dois em conjunto, 10\$00.

Edições da PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA Lisboa

A SÍFILIS e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em todas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações de enfermo, consegue-se com o

DEPURATOL

que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espirito.

Tubo, para quasi uma semana de tratamento — 11\$00.

EM TODAS AS FARMÁCIAS

A SUPREMA PELICULA

para grandes ampliações e finura de detalhes



O grão finissimo da pelicula Kodak Panatomic X permite ampliações a grandes formatos e cópias da melhor qualidade.

KODAK Panatomic-X

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Linha rapida da Africa Ocidental e Oriental

Paquete **“LOURENÇO MARQUES”**

SAIRÁ EM 7 DE JULHO

pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para Funchal, S. Tomé, Santo António do Zaire, Luanda, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

IMPORTANTE: As ordens de embarque devem estar visadas até ao dia 3 de Julho, inclusivé.

PARA ESCLARECIMENTOS E MAIS INFORMAÇÕES:

EM LISBOA — Rua do Comércio, 79 e 85 —
Telef. 23021 a 23026

NO PORTO — Rua Infante D. Henrique, 73 —
Telef. 1434



A CHEGADA DE MOLOTOV a Londres, durante as recentes conversações que levaram à assinatura do acordo russo-britânico. A direita, Eden



O DISTINTO JORNALISTA AUGUSTO PINTO efectuando na Câmara Municipal de Lisboa a sua interessante conferência sobre Santo António.



O CLUBE DOS 100 A HORA, impossibilitado de realizar provas desportivas de automobilismo, em que se revelou notável organizador, resolveu efectuar há dias entre conhecidos automobilistas uma curiosa prova que denominou «I Rallye Ciclo-Turístico», e cujos vencedores foram: Luiz Roman Nobre (classe A), Ernesto Nobre (classe B), e Dália Vairinho da Cunha (senhoras). É um aspecto da partida que reproduzimos acima.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

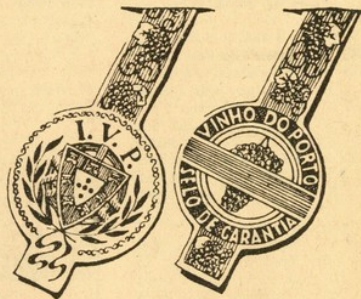
Documentário da Imprensa de todo o Mundo



1942

O

VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



CREMES
 PARA DE DIA
 E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
 Avenida da Liberdade, 35
 Telef. 2 1866 — LISBOA
 Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
 Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos



**CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS**

**APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL**

À venda na Farmácia
Estácio—Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarias

APYROL



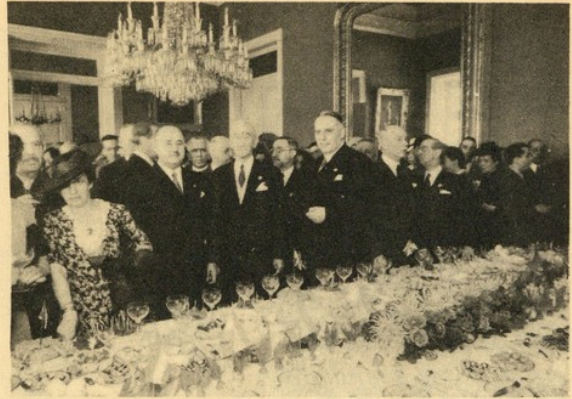
BBC

A VOZ DE LONDRES
fala e o mundo acredita

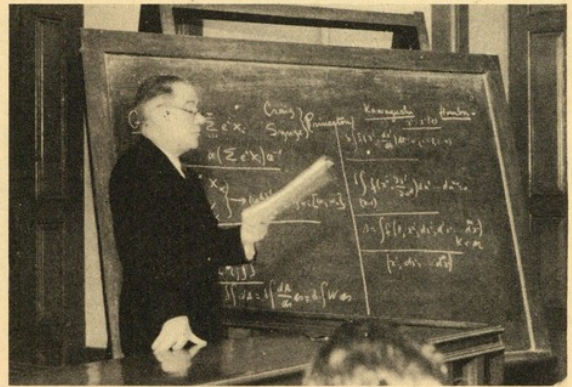
EMISSÕES EM LINGUA PORTUGUESA

Horas	Noticiário	Estações	Ondas curtas
12,45	Noticiário	{	GRU 31,75 m. (9,45 mc/s)
			GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)
14,15	Noticiário	{	GRZ 13,86 m. (21,64 mc/s)
			GRU 31,75 m. (9,45 mc/s)
14,30	Actualidades	{	GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)
23,00 (*)	Noticiário	{	GSB 31,55 m. (9,51 mc/s)
			GRX 30,96 m. (9,69 mc/s)
			GRT 41,96 m. (7,15 mc/s)
23,15 (*)	Actualidades	{	GSB 31,55 m. (9,51 mc/s)
			GRT 41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas curtas de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ainda compridas de 1.500 metros (200 kc/s). Até 11 de Julho inclusivé o posto transmissor em 261,1 metros trabalha sómente às 23,15. Em 12 de Julho retoma a emissão às 23 horas.



ECOS DO CONGRESSO LUSO-ESPAÑHOL para o Progresso das Ciências: A recepção aos congressistas na Câmara Municipal e no Instituto do Vinho da Pórt. Na foto de cima, vêem-se os srs. ministro das Obras Públicas de Espanha, embaixador de Espanha e presidente da Câmara do Pórt.



O primeiro congressista que apresentou trabalhos



A DISTRIBUIÇÃO DO PRÉMIO A. C. P. aos cantoneiros e conservadores das estradas deu motivo a uma interessante festa na sede daquêl club.

USE O MATERIAL FOTOGRAFICO

ILFORD

SELO 0 20 SELO ORTHO FILM

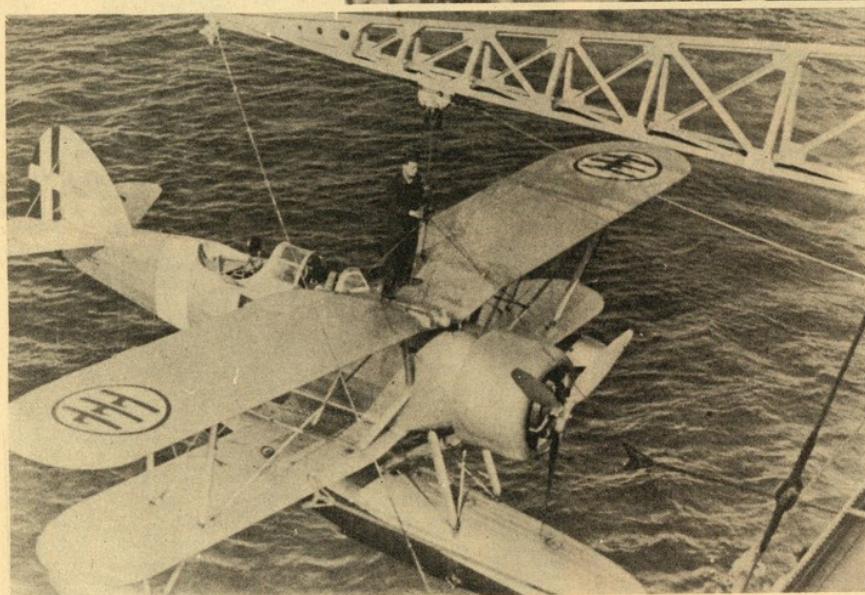
CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A' venda nos estabelecimentos de artigos fotograficos

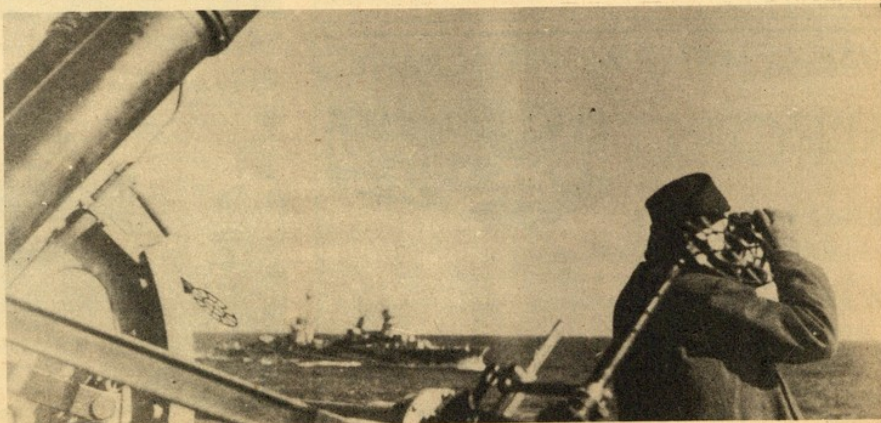
ILFORD LIMITED
ILFORD—LONDRES



A luta no deserto da ÁFRICA DO NORTE

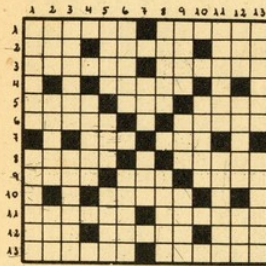


O ESFORÇO DE GUERRA da Itália no desenvolvimento das batalhas da Líbia e do Egito e na luta, reavivada recentemente, no Mediterrâneo, tem sido considerável. Ao lado das formações alemãs e sob o comando superior do marechal Rommel, soldados italianos de todas as armas têm colaborado na ofensiva. Nesta página, vemos alguns aspectos da campanha: Em cima, voluntários da Mocidade Italiana que combatem, ao lado das tropas regulares, na África do Norte. Ao centro, um avião de reconhecimento italiano regressando a bordo dum navio de batalha, após ter executado a sua missão. Em baixo, um «combóio» italiano atravessando o Mediterrâneo, com reforços para Benghazi.



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 31



HORIZONTAIS: 1—Encharcar; Ácidos. 2—Oceano; Estátua de meio corpo; Pronome pessoal feminino. 3—Mastro; Atar. 4—Abano. 5—Produto; Ligo; Viver. 6—O governo do reino; Chajurda. 7—Anel; Intimo. 8—Lavrava; O fim. 9—Antro; Altar; Vasias. 10—Agradável. 11—Adoentado; Urdidura. 12—Governanta; Grito de guerra, entre os antigos grêgos; Senhor. 13—Igualara; Tostara.

VERTICAIS: 1—Amante; Abãter. 2—Pátria; Rugido; Gosta. 3—Levanta; Envelheces. 4—Desejava. 5—Enseada; Data; Ligar. 6—Viela; Afia. 7—Ainda; Acredita. 8—Disparo; Suprime. 9—Região; Patrão; Clima. 10—Corpúsculo. 11—Encruzilhada; Comporta. 12—Palmeira; Apresenta; Maior. 13—Curara; Desigual.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 30

HORIZONTAIS: 1—Gajas; Pura; Ucace. 2—Apar; Ligula; Oral. 3—Lá; Eco; Ea; Rol; Be. 4—Asca; Arão. 6—Izal; Apre. 7—Moto; Pião. 8—Tiú; Ias. 9—Té; Ou. 10—Cá; Li. 11—Juá; Com. 12—Ubm; Tabi. 13—Caro; Orar. 14—Os; Ló. 15—Az; Iú. 16—Um; Nó. 17—Isca; Gafo. 18—Laiuo; Mú; Feliz. 19—Lôa; Sova; Mão. 20—Louçania. 21—Sala.

VERTICAIS: 1—Galarim; Ti-juco; Du. 2—Apas; Zóte; Ubá; Mil. 3—Já; Coati; Cairo; Sal. 4—Area; Lousa; Mosa; Cio. 5—Aval. 6—Ló. 7—Pi; Sus. 8—Uge; Mõca. 9—Rua; Uval. 10—Al; Ana. 11—Ar. 12—Gêma. 13—Cola; Apiol; Tolú; Ala. 14—Ar; Rúpia; Icaro; Fio. 15—Caba; Raso; Oba; Noz. 16—Eleleco; Uamiri; Mó.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 29

HORIZONTAIS: 1—Atleta; Bala. 2—Reames; Ola. 3—Empa; F. 4—Ces; Li. 5—Aro; Um. 6—O; D. 7—S; O. 8—O; S. 9—A. 10—As. 11—Mas; Dós. 12—Aro; Oro. 13—Em; Má.

VERTICAIS: 1—Arecá; 2—Temeroso. 3—Lapso. 4—Ema; Má. 5—Te; Are. 6—As; Som. 7—Bo; Dom. 8—Ar; Ora. 9—Lá; Aso. 10—A; As. 11—Ludos. 12—Fim.



O GENERALÍSSIMO CHANG-KAI-CHEK e sua esposa recebendo em Xung-King o general Stiwel, chefe do Estado-Maior dos seus exércitos.



O ALMIRANTE CUNNINGHAM, antigo comandante-chefe da esquadra do Mediterrâneo e actualmente desempenhando, uma importante missão na América, conversando com o almirante Stark, comandante das forças navais americanas na Europa.



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
23.40 Noticiário	Todas médias	m. 221.1	
		m. 263.2	
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

22.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

Vida MUNDIAL
Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

CONDIÇÕES DE ASSINATURA.
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00;
6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

a 31-4



Rebate aéreo em Nova York

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

RECENTEMENTE, com o intuito de aperfeiçoar os métodos de defesa passiva de Nova-York, a aviação militar americana simulou uma incursão prática nocturna sob a movimentada metrópole. Potentes projectores eléctricos de 800.000.000 velas varriam o céu e a artilharia anti-aérea acertava a sua pontaria no suposto inimigo. Este, valendo-se de tropas paraquedistas tentava tomar de assalto um dos aeroportos da cidade. A foto mostra-nos um aspecto dêsse exercício.